

Universidade do Estado do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Naturais e Tecnologia
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – Mestrado



Renata da Cruz Paes

**A cobertura jornalística nacional e internacional da
Amazônia: o caso da UHE Belo Monte**

Belém
2019

Renata da Cruz Paes

**A cobertura jornalística nacional e internacional da
Amazônia: o caso da UHE Belo Monte**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em Ciências
Ambientais no Programa de Pós-Graduação em
Ciências Ambientais.

Universidade do Estado do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Altem Nascimento Pontes.

Co-orientadora: Profa. Dra. Priscila Sanjuan de
Medeiros Sarmiento.

Belém
2019

Renata da Cruz Paes

A cobertura jornalística nacional e internacional da Amazônia: o caso da UHE Belo Monte

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de mestre em Ciências
Ambientais no Programa de Pós-Graduação em
Ciências Ambientais.
Universidade do Estado do Pará.

Data da defesa: 15/ 02/ 2019

Banca Examinadora

_____ – Orientador

Prof. Altem Nascimento Pontes
Doutor em Ciências Físicas
Universidade do Estado do Pará

_____ – 1º Examinador

Prof. Rodolfo Silva Marques
Doutor em Ciências Políticas
Universidade da Amazônia

_____ – 2º Examinador

Prof. Manuel Jose Sena Dutra
Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido
Universidade do Federal do Pará

_____ – 3º Examinadora

Profa. Netília Silva dos Anjos Seixas
Doutora em Letras
Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Centro de Ciências Naturais e Tecnologia, UEPA, Belém - PA.

P126j Paes, Renata da Cruz

Jornalismo socioambiental na Amazônia: o caso da UHE Belo Monte nos principais jornais nacionais e internacionais. / Renata da Cruz Paes; Orientador Altem Nascimento Pontes. -- Belém, 2019.
80 f. : il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Naturais e Tecnologia, Belém, 2019.

1. Usina Hidrelétrica - Pará. 2. Belo Monte. 3. Jornais. 4. Reportagens. 5. Visibilidade. 6. Análise de conteúdo. I. Pontes, Altem Nascimento. II. Título.

CDD 333.7846

Aos meus pais, Raimundo e Oneide, por todo o incentivo, apoio, ajuda, conselhos e amor. Para vocês dedico cada conquista de vida, inclusive, esta.

Ao meu irmão, Diego, por sempre torcer por mim.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento vai para aquele que começou a escrever a introdução da minha vida desde meu nascimento. São 27 anos em que Deus tem sido meu orientador. Ao lado dele consegui definir meus objetivos de vida. Para cada um deles, metodologias que me levam a refletir sobre o que, de fato, é quantificável ou qualificável nas relações de amizade, estudo, trabalho e lugares que frequento.

Entre esses lugares está a Universidade do Estado do Pará (Uepa). Grata sou, pois nesta instituição vivi fases importante da minha carreira profissional e acadêmica.

Quando estudante de jornalismo, estagiei na Assessoria de Comunicação (Ascom) da Uepa. Após formada, retornei como jornalista. Agradeço a Uepa pela oportunidade de exercer minha profissão, assim como fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA).

Grata sou ao PPGCA pela oportunidade de cursar o mestrado e também Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Altem Nascimento Pontes, que me escolheu para repassar o conhecimento, com a qualidade e inteligência de um exímio professor. Agradeço ainda por ter confiado no meu potencial, me dado liberdade para pesquisar o que me instigava, aconselhando-me sempre a ir mais longe nas produções acadêmicas.

A Profa. Dra. Priscila Sanjuan de Medeiros Sarmiento, que além de minha co-orientadora, se tornou amiga, conselheira e companheira. Admiro-a como mulher e pesquisadora e ainda por me fazer compreender que para as problemáticas da vida, há hipóteses possíveis de serem testadas e concretizadas.

Agradeço ao alicerce de dois referências que me baseio, minha mãe, Oneide da Cruz Paes, e meu pai, Raimundo Felix Paes. Sem a ajuda, força e conselhos de pais tão maravilhosos, eu não seria a mesma. Cada conquista é por vocês e para vocês. Obrigada ao meu irmão, Diego da Cruz Paes, pelo zelo e incentivo.

À Faculdade de Estudos Avançados do Pará (FEAPA), instituição na qual cursei minha graduação. Nela também fiz meu estágio em docência. Grata, em especial, ao professor Nelson Faro, coordenador do curso de comunicação da FEAPA, que viabilizou o estágio, assim como as professoras Avelina Castro e Tatiana Amaral, que me receberam em sala de aula, dando-me a oportunidade e aprender e ensinar.

À Thyago Gonçalves Miranda, que com humor e carinho, me auxiliou na correria das atividades, não só com palavras de incentivo e encorajamento, mas também ao se inscrever e participar comigo de eventos importantes da minha área, assim como ajudar-me com dicas e formatação de trabalhos.

Adanna, Fernanda, Karla, Ulli, Andreza, Davison, Giselly, Kelly, Paulo, Yuri e Bruna, meus amigos de turma, vocês me ensinaram sobre a importância de conhecer os diferentes, torcer pelos que estão na mesma luta e compartilhar o conhecimento.

Meu amigo do Marajó, Davison, você muito me alegrou com seus *stories* e fé em Deus. Obrigada pela companhia nas caronas e até nas vezes que você me esperou pegar o ônibus quando estive sem carro.

As secretárias do mestrado, Lionete e Fabrícia, sempre muito prestativas.

As minhas amigas de profissão, Ize Sena, Fernanda Martins, Amalia Paes, Nailana Thiely, Renata Carneiro, Josi Mendes, que torceram por mim desde o início e me deram a notícia em primeira mão da aprovação no mestrado. Vocês me fazem acreditar em uma comunicação dentro da Universidade, em que jornalistas e pesquisadores trabalham em prol da democratização da ciência.

As minhas amigas Bruna Yasmim e Erenice Silva, que mesmo em meio a correria do dia e a distância, continuamos a compartilhar e torcer umas pelas outras.

Seria precipitado demais ousar escrever as considerações de algo que ainda não me dei por terminado. Todavia, concluo este ciclo com o sentimento de gratidão. Ao visualizar minhas próximas páginas, que talvez pudessem estar em branco ou quem sabe rabiscadas, observo as linhas da próxima introdução rumo ao direcionamento dos meus futuros objetivos.

Se alguém pensa que sabe tudo sobre algo, ainda não aprendeu como deveria.

I Coríntios 8: 2

RESUMO

Na Amazônia, os jornais atuam como articuladores de opiniões e noticiadores de eventos que marcam a região, como a construção de hidrelétricas. Assim, a região se destaca no cenário nacional e internacional. A presente pesquisa buscou descobrir o quanto e o que se noticia sobre a Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte e seus atores. No primeiro momento fez-se o levantamento da cobertura jornalística no continente Americano, Europeu e Asiático, de 2005 a 2017, em 24 *sites* jornalísticos. Aplicou-se a técnica da Análise de Conteúdo (AC) para aferir quantitativamente e qualitativamente os resultados. Encontrou-se 1.188 notícias/reportagens. Os anos de 2010, 2011 e 2012 foram o auge na produção de notícias devido ao leilão de concessão da Usina, que permitiu a construção do canteiro de obras e protesto dos povos indígenas. Como um dos principais impactados pela construção da Hidrelétrica, houve a necessidade de se pesquisar como os povos indígenas foram representados pelos jornais. Das 1.188 matérias, apenas 52, de 15 *sites*, abordaram a luta desses povos contra a Usina. Os jornais estrangeiros, se comparados aos nacionais, priorizaram mais a fala dos povos indígenas nas matérias. O aprofundamento do conteúdo nacional e pouco espaço para os povos indígenas foi perceptível nas matérias nacionais. Apesar de a Ásia ter sido o continente com menor registro de *sites* que noticiaram, a cobertura sobre a UHE Belo Monte se mostrou constante em escala internacional e nacional, de 2005 a 2017.

Palavras-chave: Hidrelétrica. Repercussão. Matérias jornalísticas. Continentes. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

In the Amazon, newspapers act as articulators of opinions and newsletters of events that mark the region, such as the construction of hydroelectric dams. Thus, the region stands out in the national and international scenario. The present research seeks to find out how much and what is the news about the Hydroelectric Power Plant (HPP) Belo Monte and its actors. In the first moment the coverage of the journalistic coverage in the American, European and Asian continents, from 2005 to 2017, was done in 24 journalistic sites. The technique of Content Analysis (CA) was applied to quantitatively and qualitatively assess the results. There were 1,188 news articles / reports. The years 2010, 2011 and 2012 were the peak in news production due to the concession auction of the Usina, which allowed the construction of the construction site and protest of the indigenous peoples. As one of the main impacts of the construction of the hydroelectric plant, there was a need to investigate how indigenous peoples were represented by newspapers. Of the 1,188 stories, only 52 out of 15 sites addressed the struggle of these peoples against the Usina. Foreign newspapers, if compared to nationals, gave more priority to the speech of indigenous peoples in the subjects. The deepening of national content and little space for indigenous peoples was noticeable in national matters. Although Asia was the continent with the lowest register of sites that reported, the coverage of the Belo Monte HPP was constant on an international and national scale, from 2005 to 2017.

Keywords: Hydropower. Repercussion. Newspapers. Continents. Content analysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO GERAL	11
1.2. Ocupa que cresce	11
REFERÊNCIAS	14
ARTIGO 1: “Belo Monte: a visibilidade internacional e nacional da Usina Hidrelétrica nos principais jornais do continente americano, europeu e asiático”	16
Resumo	17
Introdução	17
Metodologia	19
Resultados e Discussão	21
Levantamento das matérias jornalísticas	21
Notas e reportagens	22
Anos de maior repercussão	23
O auge de Belo Monte na pauta nacional	25
Queda nas publicações	27
Inauguração é abafada por corrupção	27
2005 a 2009: período de inexpressiva atenção midiática	28
Belo Monte na mídia europeia	29
Conclusão	31
Referências	32
Abstract	37
Resumen	38
ARTIGO 2: “A visão dos jornais sobre os povos indígenas contra a Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte”	39
Resumo	40
Abstract	40
Introdução	41
Imprensa, indígenas e Belo Monte	41
Metodologia	43
Resultados e Discussão	45
Considerações Finais	60
Referências	61
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS	68
ANEXOS	69

1. INTRODUÇÃO GERAL

A Amazônia é reconhecida como terra de vasto território, extensos recursos hídricos, riquezas minerais, povos indígenas, símbolo da defesa militar e gigante bioma verde e amarelo, que se estende pelo Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil (FUCCILLE, 2015). Para Becker (2005), a Amazônia é considerada um dos três lugares de maior riqueza no mundo, chamando-a de “Eldorado Contemporâneo”.

O fato é que nem sempre foi assim. A Amazônia brasileira passou por ciclos de invisibilidade, ao ser considerada a “bela e inóspita região, em que o Brasil colonial conferiu um lugar marginal, no tocante ao desenvolvimento e exploração dos recursos lá contidos” (FUCCILLE, 2015, p. 123).

O desenvolvimento político e social chegou durante o processo de Revolução Industrial, no final do século XIX e início do XX, em que saciou a demanda dos países norte-americanos e europeus pelo látex da *Hevea brasiliensis* (REIS, 2018). Nesse período, a região gerou cerca de 45% das exportações brasileiras (REIS, 1968).

O estágio de desenvolvimento repercutiu em cidades como Manaus e Belém. Elas ganharam abastecimento de água, casas bancárias, jornais impressos, mercado público, os Teatros Amazonas e da Paz, sendo consideradas cidades de intensa prosperidade econômica, que nem mesmo naquela época a capital do Brasil, Rio de Janeiro, havia alcançado (SANTOS, 1980).

Com o transplante de seringueiras da Amazônia pelos asiáticos e a ocupação de fornecedores orientais por forças militares japoneses, devido a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), a região entrou em declínio e condenou as populações locais, imigrantes e trabalhadores a marginalidade (FUCCILLE, 2015).

Nesse contexto, na década de 1950, o Estado começa a pensar em estratégias para novamente estimular o crescimento da Amazônia. Segundo Becker (2001), acentuou-se a migração que já se efetuava em direção a Amazônia, e com isso a população elevou-se de 1 para 5 milhões (1950-1960). Ainda de acordo com a mesma autora, o planejamento regional se deu entre 1966 e 1985. Nele, a ocupação da Amazônia se tornou prioridade para o crescimento da região.

1.1 Ocupa que cresce

Sob as políticas territoriais de fortalecimento da ocupação econômica da Amazônia (SILVEIRA, 2016), na década de 1970, criou-se o I e II Plano Nacional de

Desenvolvimento Econômico e Social (1975-1979) (ARAÚJO, 1993). Surgiram ainda o Programa Especial de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (POLOAMAZÔNIA), a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e o Banco da Amazônia S/A (BASA) (COSTA, 2000).

Ainda na mesma década, ampliaram-se os projetos de mineração na Amazônia (ASSIS; ZHOURI, 2011). Se iniciaram também, por volta de 1977, “os estudos na região do Xingu para a exploração da energia hidrelétrica, ainda em um dos períodos ditatoriais (1974-1985) até a elaboração dos projetos da barragem de Kararaô (1988), posterior Usina Hidrelétrica Belo Monte (2001-atual)” (SEQUEIRA; SILVA, 2015, p. 179).

A Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte é um dos principais projetos econômicos do Governo Federal, no Brasil, lançado oficialmente em 2007, por meio do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), com a finalidade de suprir a infraestrutura energética do país (SILVEIRA, 2016). Afinal, vigora o discurso de que energia elétrica atrai investidores, movimenta a economia local e desenvolve a região (KATSURAGAWA et al., 2009).

Para Aguiar (2011), o PAC serviu de caminho para acordos contraditórios, emissões de licenças ambientais contestáveis, flexibilização de leis e instrumentos ambientais, visualizados na trajetória da UHE Belo Monte.

Portanto, pela magnitude do assunto em escala nacional e internacional e da mobilização que tem sido gerada desde a década de 1970, a UHE Belo Monte foi escolhida para ser o ponto inicial da pesquisa dentro do campo jornalístico. O jornalismo que envolve assuntos referentes a Amazônia ainda é carregado de discursos preconceituosos, construídos na colonização (GONDIM, 2007), e o interesse público, direitos dos indivíduos e divulgação de informações precisas, necessitam ser resguardadas.

Diante disso, a investigação se motiva em saber qual a amplitude em escala nacional e, principalmente internacional, se deu a cobertura da UHE Belo Monte, de 2005 a 2017. A amplitude em escala internacional da pesquisa se deu pois, na Amazônia, “antes de sermos nacionais já éramos internacionais” segundo Pinto (2014, p. 14), e conseqüentemente, a internacionalização é uma característica mais intensa do que em qualquer outra região.

As perguntas que orientaram a pesquisa se constituíram em saber quais países mais se interessam em noticiar sobre o assunto? Em quais anos? Quais temas

referentes à Hidrelétrica instigaram os jornais a noticiar? Quais as possíveis relações desses países com a Hidrelétrica e a Amazônia?

A proposta aqui é se fazer um estudo exploratório em países e jornais ainda não investigados, mas que dentro de seus próprios contextos locais são influentes. Por isso, no primeiro artigo tem-se o levantamento de matérias jornalísticas (notícias e reportagens), nos sites de 24 países mais populosos e de ligação histórica com o Brasil, do continente Americano, Europeu e Asiático. O resultado foi uma amostragem de 1.188 matérias.

Como principais impactados pela Hidrelétrica, mobilizadores de protestos no Congresso Nacional, no canteiro de obras da Usina, e por terem tido as próprias terras invadidas, o segundo artigo fez um recorte da temática da UHE Belo Monte e dos povos indígenas.

A pesquisa se propôs a analisar a visão dos jornais nacionais e internacionais sobre esses povos, para tentar compreender se o olhar estrangeiro, do período colonial, sobre os povos indígenas da Amazônia, permanece na atualidade, tanto no cenário jornalístico nacional e internacional.

As perguntas norteadoras do segundo artigo buscam saber como esses povos são identificados pelos jornais? Quais jornais transformaram as reivindicações em pauta? Quanto de espaço se deu para que eles pudessem expor suas vozes? Os jornais se posicionaram ao lado dos envolvidos? Quais jornais destacaram os aspectos positivos e negativos da hidrelétrica?

O interesse por essa pesquisa se dá ao fato de ser um assunto de temática socioambiental, mas que envolve política, economia, cultura, ciência e tem sido capaz de mobilizar a imprensa e o trabalho jornalístico em escala mundial, assim como trazer reflexões sobre o que se tem e ocorre na Amazônia.

Independente de aspectos culturais, econômicos e políticos característicos de cada país, é papel da imprensa, em escala mundial, contribuir para os debates sobre as questões ambientais e os possíveis desdobramentos nas diferentes esferas da sociedade (RODRIGUES, 2013). Segundo Antonioli e Andrade (2017), a prática de um jornalismo socialmente útil se dá em uma democracia em que se é permitida a apuração concreta, investigação aprofundada e disseminação da informação ao maior número possível de pessoas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. D. **Sobreposições entre Políticas Públicas: obras do PAC e unidades de conservação no corredor de biodiversidade da Serra do Mar**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) -Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- ANTONIOLI, M. E.; ANDRADE, C. C. O interesse público e a liberdade de imprensa como fundamentos da comunicação jornalística democrática. **Comunicação & Inovação**, v. 18, n. 37, p. 18-30, 2017.
- ARAÚJO, T. B. A Experiência de Planejamento Regional no Brasil. **In: Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil**. LAVINAS, L., FROTA-CARLEIAL, L. M. da, NABUCO, M. R.; ROLIM, C. F. C. Ed. Hucitec, S. Paulo, 1993.
- ASSIS, W. F. T.; ZHOURI, A. Representar territórios e des-figurar conflitos ambientais: o discurso do desenvolvimento sustentável na publicidade brasileira. **Novos Cadernos**, v. 14, n. 2, p. 117-140, 2011.
- BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n53/24081.pdf>. Acesso em 3 jan. 2019.
- BECKER, B. K. **Síntese do processo de ocupação da Amazônia**: lições do passado e desafios do presente. Causas e dinâmica do desmatamento na Amazônia. Brasília: MMA, v. 1, p. 5-28, 2001.
- COSTA, W. M. **O Estado e as Políticas Territoriais no Brasil**. S. Paulo: Contexto, 2000.
- FUCCILLE, A. Amazônia e Defesa Nacional: um olhar a partir da perspectiva brasileira. **PAIAGUÁS: revista de estudos sobre a Amazônia e Pacífico**, v. 2, n. 2, 2015.
- GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Valer, 2007.
- KATSURAGAWA, T. H.; CUNHA; R. P. D. A.; SOUZA; D. C. A. D., GIL; L. H. S.; CRUZ, R. B.; SILVA, A. D. A.; SILVA, L. H. P. D. Malária e aspectos hematológicos em moradores da área de influência dos futuros reservatórios das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, Rondônia-Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 25, n. 7, p. 1486-1492, 2009.
- PINTO, L. F. Amazônia: uma página ainda escrita em garranchos. **Revista Sentidos da Cultura**, v. 1, n. 1, p. 11-16, 2014.
- REIS, A. R. H.; TERÁN, A. F.; FONSECA, A. P. M.; SOUZA, S. A. de. A história de exploração da “seringa” (*Hevea brasiliensis*) e o ensino de ciências no museu do seringal Vila Paraíso. **Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 229-241, 2018.

REIS, A. C. F. **A Amazônia e a cobiça internacional**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

RODRIGUES, A. S. B. **Jornalismo e meio ambiente na Amazônia: a cobertura de eventos ambientais extremos pela imprensa escrita de Manaus**. 2013. 203 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

SANTOS, B. de S. Law and community: the changing nature of State power in late capitalism. **International Journal of the Sociology of Law**, v. 8, p. 379-397, 1980.

SEQUEIRA, J. E. de O. A.; SILVA, M. D. O ativismo judicial transnacional e a “Transnational Advocacy Network” na construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. **Revista Política Hoje**, v. 23, n. 2, p. 177-202, 2015.

SILVEIRA, M. **A implantação de hidrelétricas na Amazônia brasileira, impactos socioambientais e à saúde com as transformações no território: o caso da UHE de Belo Monte**. 2016. 212 f., Tese (Doutorado em Geografia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ARTIGO 1: “Belo Monte: a visibilidade internacional e nacional da Usina Hidrelétrica nos principais jornais do continente americano, europeu e asiático”. O Artigo está estruturado nas normas de submissão da Revista E - Compós, Qualis A2 em Comunicação e Informação e B2 em Interdisciplinar. Artigo publicado em 21-12-2018. **DOI:** <https://doi.org/10.30962/ec.1625>

Belo Monte: a visibilidade internacional e nacional da Usina Hidrelétrica nos principais jornais do continente americano, europeu e asiático

Resumo

Os jornais são fontes de informação sobre o meio ambiente. Diante deste fato e do grande impacto da construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Belo Monte, o objetivo do estudo foi realizar um levantamento das matérias jornalísticas sobre Belo Monte entre 2005 e 2017. Os dados foram coletados em *sites* de jornais de maior circulação nos continentes Americano, Europeu e Asiático. Analisou-se qualitativamente e quantitativamente o conteúdo de 1.188 matérias, de acordo com a proposta de Bardin. O auge da divulgação ocorreu com o leilão da concessão da Usina e com a espetacularização de celebridades que vieram à Amazônia lutar contra Belo Monte. Percebe-se a visão histórica internacional sobre a Amazônia, assim como a ideia de uma Amazônia de propriedade mundial.

Palavras-chave: Enquadramento. Análise de conteúdo. Jornalismo. Amazônia. Belo Monte.

Introdução

A região amazônica apresenta, além de uma floresta tropical exuberante, uma das maiores bacias hidrográficas do mundo, vasta planície fluvial, além da maior reserva de biodiversidade e de recursos minerais do planeta (FERREIRA; SALATI, 2005). Essas particularidades saltam os olhos nacionais e estrangeiros. Prova disso é que, em um país como o Brasil, tardiamente industrializado, são comuns os planos de crescimento econômico baseados na implantação de grandes obras de infraestrutura, responsáveis por intensos impactos ambientais e sociais (MORETTO et al., 2012).

Para Mendes (2014, p. 333) a Amazônia está no centro do interesse mundial e alerta: “antes de mais nada, é território que – para além da vida vegetal e animal – abriga a vida de 25 milhões de brasileiros, entre eles minorias étnicas e povos cuja vida está condicionada aos contextos desse território”. No passado, a Amazônia chegou a estocar índios escravos, ser fonte de lucro por meio das drogas do sertão, e mais recente, é responsável por gerar energia elétrica a grandes projetos e até mesmo para outros países (LOUREIRO, 2002).

Na década de 70, a crise do petróleo no mercado internacional reduziu o suprimento de combustível para o Brasil, instalando-se uma crise energética (LIMA et al., 2015). Logo, abriu-

se espaço para o governo brasileiro planejar inúmeras barragens (BERMANN, 2012). Se a América do Sul é pródiga para a “indústria barrageira” (SEVA FILHO, 2015), pode-se então dizer que a Amazônia é o berço das barragens. Segundo o atual Plano Decenal de Energia, de 2011 a 2020, dos 39 projetos hidrelétricos planejados, 18 estão localizadas na região amazônica (EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA, 2011).

Para Mendes (2014), é inegável que a produção de energia elétrica gerada por barragens tem contribuído para o crescimento e manutenção das atividades humanas, porém permanece inquestionável que esse tipo de produção energética degrada os ambientes naturais, impactando tanto a biodiversidade local e regional, quanto a manutenção dos povos locais (FEARNSIDE, 2011). Junk e Melo (1990) pontuam os impactos da construção de hidrelétricas na Amazônia e citam como principais problemas a translocação da população; perda de solos, espécies de plantas e animais, monumentos naturais e históricos, recursos madeireiros; modificações da geografia hidráulica; mudanças florísticas e faunísticas; e os impactos na pesca e aquicultura.

Dentre as barragens planejadas na década de 70, está o Complexo Hidrelétrico de Belo Monte, que foi por muitos anos, obra prioritária do Governo Federal para o desenvolvimento do setor energético brasileiro (COSTA et al., 2017). Hoje, Belo Monte representa, a terceira maior barragem do mundo, atrás apenas de Três Gargantas, na China, e de Itaipu, no Brasil/Paraguai (MACIEL; KHAN, 2017).

Desde o anúncio da sua criação, a UHE Belo Monte está em debate na comunidade nacional e internacional vide o tamanho do impacto e importância desse projeto não só para o Brasil, mas para o meio ambiente como um todo (SANTOS et al., 2012). Segundo Costa e colaboradores (2017), Belo Monte foi parar nos jornais internacionais a partir da exposição dos problemas ambientais da construção, na Universidade da Flórida, em Miami, Estados Unidos, quando o líder Kaiapó Paulinho Paiakan, Kube-IKaiapó e o etnobiólogo Darrel Posey, do Museu Paraense Emilio Goeldi, expressaram indignação diante da construção do projeto. Eles externaram que “financiar um projeto de hidrelétricas no Xingu inundaria 7 milhões de hectares e desalojaria 13 grupos indígenas. Apesar de serem diretamente atingidos, os índios não tinham sido consultados” (Xingu Vivo, s.d.).

É por meio da imprensa que a população acompanha o que se passa perto ou longe da própria visão, investiga o que é oculto ou tramado (BARBOSA, 1990). Para Fonseca (2004, p. 115), “a maioria das pessoas depende dos jornais como única fonte de informação sobre o meio ambiente”. Diante destes fatos e do grande impacto da construção da UHE de Belo Monte, no meio ambiente e na sociedade, surgiu o interesse em quantificar as matérias jornalísticas

divulgadas sobre a UHE e responder a seguinte questão: Quão extensa é a atenção da mídia para este fato e como se desenvolveu? Esse questionamento leva-nos ao objetivo do presente artigo: fazer um levantamento da divulgação de notícias e reportagens sobre a UHE de Belo Monte, publicadas nos jornais nacionais e internacionais, no período de 2005 a 2017.

Metodologia

Para identificar o número de matérias jornalísticas e quais os eventos no histórico da UHE de Belo Monte que mais se propagaram pela imprensa nacional e internacional, realizou-se um levantamento bibliográfico das matérias jornalísticas, no período de 2005 a 2017, em *sites* nacionais e internacionais. Ferreira (2002) reforça que investigações bibliográficas conseguem responder quais aspectos e dimensões são destacados e privilegiados conforme as épocas e lugares.

O período para análise não foi escolhido de forma aleatória. Após 17 anos de lutas dos povos indígenas junto ao governo para barrar a implantação da UHE de Belo Monte, em 2005, o Congresso Nacional aprovou em tempo recorde, 15 dias, o processo de licenciamento da hidrelétrica (BRASIL, 2005). O ano de 2017 marca o início desta pesquisa e a coleta de dados.

Os dados foram coletados em *sites* jornalísticos de jornais nacionais e internacionais no continente Americano, Europeu e Asiático. Para a escolha dos países, priorizou-se os mais populosos, de ligação histórica com o Brasil ou aqueles em que a imprensa tem alcançado o público brasileiro.

A escolha dos jornais se baseou na circulação e reputação nacional e internacional. Como referência, utilizou-se a pesquisa mais recente realizada pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), em que lista os 100 jornais de maior circulação no mundo (ANJ, 2011). Baseados em pesquisas e auditorias de mídia internacionais, Zago e Bastos (2013) fizeram um levantamento dos jornais europeus mais influentes. Esse levantamento também serviu de base para a escolha dos jornais da pesquisa.

A amostragem de matérias jornalísticas passou pela Análise de Conteúdo (AC). A Análise de Conteúdo, de acordo com Bardin (2011, p. 48), é como “um conjunto de técnicas das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de recepção/produção (variáveis inferidas)”. Foram selecionados 24 jornais, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro I – Jornais selecionados para a coleta de dados com as respectivas *homepages*.

Continente	Países	Jornais
América do Norte	Estados Unidos	The New York Times
	Unidos	The Wall Street Journal
América do Sul	Argentina	Clarín
		La Nación
	Brasil	Folha de S. Paulo
		O Globo
	Colômbia	El Espectador
		El Tiempo
Europa	Alemanha	Die Zeit
		Süddeutsche Zeitung
	Espanha	El Mundo
		El País
	França	Le Figaro
		Le Monde
	Portugal	Diário de Notícias
		Jornal de Notícias
	Reino Unido	The Guardian
		The Sunday Times
Ásia	China	Pleople's Daily
		Yangtse Evening New's
	Coreia do Sul	The Dong a Ilbo
		The Joogang Ilbo
	Índia	The Hindu
		The Times of India

Fonte: Autores, 2018.

Após a seleção dos jornais, fez-se um levantamento das notícias e reportagens nos *sites* de cada veículo. A amostragem do estudo foi delimitada a partir do ícone de busca dos *sites*, para que a própria página do jornal fizesse o apanhado geral de matérias a partir das palavras-

chave “Hidrelétrica Belo Monte” com adequações para o idioma nativo dos *sites* internacionais. Optou-se pelo material jornalístico *online* devido à facilidade que a internet proporciona ao acesso a informações produzidas em todo o mundo (ZAGO; BASTOS, 2013).

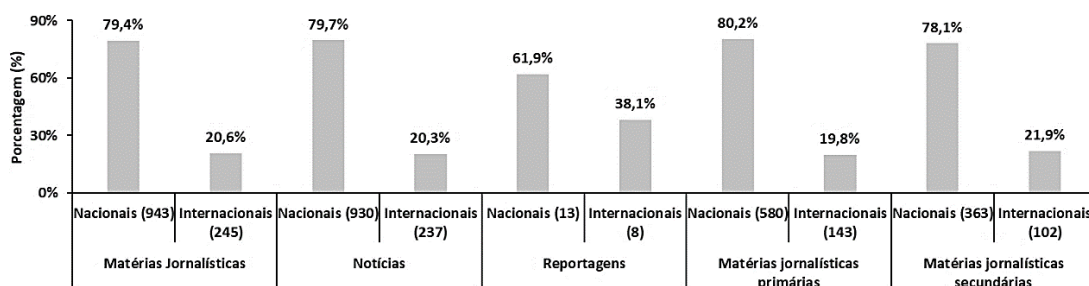
Após o levantamento, as notícias foram classificadas em primárias e secundárias. Sendo primárias todas aquelas que: Belo Monte recebeu destaque no título; a Hidrelétrica foi citada no *lead* (primeiro parágrafo da matéria jornalística); ou em toda matéria. Para a condição secundária, os critérios estabelecidos foram: matérias que não trataram especificamente da UHE de Belo Monte, porém abordaram discussões sobre hidrelétricas, meio ambiente, geração de energia, corrupção, economia, sociedade, citando Belo Monte em algum momento do texto. Essa classificação foi necessária para diferenciar a relevância da UHE de Belo Monte nas matérias jornalísticas.

Resultados e Discussão

Levantamento das matérias jornalísticas

De 2005 a 2017 foram levantadas 1.188 matérias jornalísticas sobre a UHE de Belo Monte. Destas, 245 internacionais e 943 nacionais. Das internacionais, 8 são reportagens e 237 são notícias, sendo 143 primárias e 102 secundárias. Das nacionais, 13 são reportagens e 930 são notícias, sendo 580 primárias e 363 secundárias (Figura I). Confirmando que a UHE de Belo Monte está tanto na mídia nacional quanto na internacional.

Figura I – Proporção das matérias jornalísticas, notícias e reportagens, primárias e secundárias, internacionais e nacionais sobre a UHE de Belo Monte no período de 2005 a 2017.



Fonte: Pesquisa de campo.

De acordo com a Figura I, do total da amostra contabilizada, 79,4% são nacionais e 20,6% internacionais. O jornalismo nacional produziu quase quatro vezes mais conteúdo sobre a

UHE de Belo Monte em comparação ao internacional. As categorias “notícias nacionais”, “reportagens nacionais”, “matérias jornalísticas primárias nacionais” e “matérias jornalísticas secundárias nacionais” chegam a ser de duas a cinco vezes maiores que os conteúdos nas mesmas categorias internacionais.

Este resultado era esperado, visto que os jornais brasileiros, Folha de S. Paulo e O Globo, são tidos como os de maior circulação e acesso no Brasil (ANJ, 2011). Logo, as redações tendem a produzir conteúdo que atenda a necessidade do público do próprio país.

Em pesquisa sobre comunicação hiperlocal, Magnoni e Miranda (2016) ressaltam que materiais jornalísticos locais ganham destaque diante da globalização, evolução tecnológica e uma tendência à homogeneização das identidades. “Há um movimento praticamente involuntário, que instiga as pessoas a reforçarem as suas identidades de origem, a utilizarem os localismos como âncoras que lhes possibilita entrar no movimento global, conviver com diversos valores e cosmovisões” (p. 95).

Para Magnoni e Miranda (2016, p. 181), “O jornalismo local praticado nos ambientes digitais fornece um importante referencial de sustentação das identidades culturais locais e pode colaborar com a participação cidadã”.

Notícias e reportagens

Das matérias jornalísticas internacionais (245), 96,7% são notícias (237) e 3,3% são reportagens (8). O número de matérias jornalísticas internacionais primárias (143) equivale a 58,4% do total de matérias internacionais (245). Ou seja, mais da metade das vezes a imprensa internacional reportou a UHE de Belo Monte como tema principal dos conteúdos. Acredita-se que o número superior de notícias em relação ao de reportagens está ligado as “transformações históricas e tecnológicas primordiais” (AGUIAR; RODRIGUES, 2017, p. 302).

Segundo Neveu (2010), o jornalista não vai mais para o campo produzir grandes reportagens, ouvir pessoalmente as fontes, observar os detalhes do ambiente no qual retratará. Kischinhevsky (2009) reforça que em nome da produtividade, os jornalistas têm sido meros reprodutores de informação. “Raramente o repórter *web* sai para a rua em busca de um fato. O fato vem até pela própria internet” (FERRARI, 2014, p. 58).

O jornalista que corre atrás de informações tem dado lugar ao profissional que atua somente dentro das redações. Essa mudança de postura foi observada pelos autores Adghirni (2005) e Neveu (2010). Neveu (2006) chama “jornalismo sentado” (*journalisme assis*), o praticado pelo repórter que na cadeira da redação apenas reproduz as notícias, e o “jornalismo em pé” (*journalisme debout*), aquele que se faz no contato direto com as fontes, por meio das grandes reportagens.

Segundo Silva (2008), as próprias empresas desestimulam a prática da reportagem, o que restringe a apuração ao âmbito da redação. Moretzsohn (2014) reforça que as notícias instantâneas do jornalismo *online* incentivam a velocidade na apuração e rapidez pela publicação. Em março de 2014, o mesmo autor pesquisou a rotina no jornal *O Globo* após a adaptação para a edição *online* e observou “a aceleração no ritmo de trabalho, acúmulo de funções e exaustão ao fim do dia” (MORETZSOHN, 2014, p. 60).

Outro ponto a ser destacado e que auxilia no entendimento do grande número de notícias e pouco de reportagens, é que os correspondentes no Brasil, dos veículos estrangeiros, escrevem sobre as temáticas relacionadas à Amazônia sem ir à Amazônia. Tais profissionais residem principalmente na região Sudeste do Brasil. “A chamada ‘grande imprensa’ do país é constituída quase que exclusivamente por veículos situados no eixo Rio-S. Paulo” (DALMOLIN; SILVEIRA, 2016, p. 32).

Anos de maior repercussão

Na Figura II observa-se o desenvolvimento das matérias jornalísticas nas mídias internacional e nacional, no período de 2005 a 2017. Percebe-se que a atenção da imprensa não se desenvolveu de forma linear. A partir da metade de 2009 houve um crescimento da produção de conteúdo pela imprensa dentro e fora do Brasil. Os anos de 2010, 2011 e 2012 foram os de maiores publicações para ambas as categorias.

Figura II – Número de matérias jornalísticas sobre Belo Monte no período de 2015 a 2017 em mídias internacionais e nacionais.



Fonte: Pesquisa de campo.

Ainda de acordo com a Figura II, na imprensa internacional, em 2010 se iniciou o crescimento de publicações, onde registrou-se o maior número de matérias sobre a UHE de Belo

Monte, decaindo a partir de 2011 e voltando a crescer em 2016. Segundo Fleury e Almeida (2013), de 2009 a 2010 as controvérsias sobre Belo Monte se tornaram intensas.

Em 1 de fevereiro de 2010 o Ibama concedeu a Licença Prévia (LP), que permitiu ao governo preparar o leilão da usina. Dentre as matérias primárias, destacam-se: *Brasil dá luz verde à terceira maior barragem do mundo* (*Le Monde*, 02/02/2010); *Brasil, depois de longa batalha, aprova barragem na Amazônia* (*The Hindu*, 08/03/2010); *Polêmica construção de barragem de Belo Monte no Brasil* (*The Guardian* 02/02/2010); *Brasil aprova violenta represa na floresta amazônica* (*The Sunday Times*, 02/02/2010).

Em abril de 2010, ao ser realizado o “leilão de concessão da usina, concluído em 10 minutos, entre liminares que suspendiam sua validade e a cassação dessas liminares” (FLEURY; ALMEIDA, 2013, p. 146), os jornais noticiaram em matérias primárias: *Brasil autorizou o trabalho de uma barragem controversa* (*La Nacion*, 21/04/2010); *A Amazônia terá a terceira maior barragem do mundo* (*El País* 20/04/2010); *Protestantes resistem. Brasil prepara-se para construir uma barragem* (*The New York Times*, 15/08/2010); *No Brasil, os índios conhecem os futuros construtores da gigante barragem de Belo Monte* (*Le Monde*, 23/04/2010); *Lula: Construiremos a usina hidrelétrica de Belo Monte com ou sem empresas privadas* (*El Mundo*, 12/04/2010); *Brasil / barragem: concurso suspenso* (*Le Figaro*, 20/04/2010).

Nos meses seguintes de 2010, a UHE de Belo Monte continuou a ser noticiada pelo viés de celebridades que se diziam lutar pelo impedimento da barragem. O diretor e a atriz hollywoodianos James Cameron e Sigourney Weaver estiveram no Brasil e participaram de uma passeata em Brasília. “Associaram a construção da usina ao roteiro do filme de maior bilheteria da história do cinema, ‘Avatar’” (FLEURY; ALMEIDA, 2013, p. 147). O jornal *The Guardian* publicou em 18/04/2010 que *O diretor de Avatar, James Cameron, junta-se à luta de tribos amazônicas para parar a gigante barragem; James Cameron, Diretor de Avatar, protesta contra a usina de Belo Monte* (*The Sunday Times*, 14/04/2010).

Assim como o cantor inglês Sting deu visibilidade mundial à devastação da floresta amazônica ao visitar a região em 1989, James Cameron repetiu o feito com a UHE de Belo Monte. Sobre a exposição pública de celebridades internacionais envolvidas com as questões da Amazônia, Wainberg (2016) reforça que o que as estrelas de Hollywood dizem sempre terá repercussão, pois o entretenimento americano é mais poderoso do que o de qualquer outro país. Para Jampolsky (2012), o envolvimento de celebridades em causas como esta é assunto controverso, por mais se parecer um evento midiático do que pela proteção das pessoas e recursos naturais da Amazônia.

Das 16 matérias publicadas no restante do ano de 2010, as primárias reforçaram os malefícios da construção da barragem, protestos pelo Brasil, ocupação no local da barragem, enquanto que as secundárias apresentaram um tom mais crítico sobre a construção da barragem. No oposto aos demais meios está o jornal chinês *People's Daily*, que apresentou matéria com destaque positivo aos investimentos do governo em Belo Monte. A matéria teve no título: *Lula defende desenvolvimento sustentável na região da floresta amazônica* (15/10/2010).

Em 25 de novembro de 2010, o jornal alemão *Die Zeit* noticiou as formas de investimentos dos chineses em barragens, com a matéria *Exemplos de Barragens – As empresas de construção chinesas são líderes*. Belo Monte é uma das hidrelétricas citadas. Na matéria, a jornalista alemã Waltina Scheumann escreveu: “Representantes da indústria de construção alemã atribuem os altos investimentos chineses em barragens, a distorções de concorrência, que também se originam do fato de que as empresas alemãs estão comprometidas com os padrões ambientais e as chinesas não”. A matéria ainda denuncia que as empresas chinesas calculam baixos custos trabalhistas para lucrarem e se beneficiam da taxa de câmbio fixa e por isso investem em usinas pelo mundo.

No decorrer dos anos, nota-se na cobertura do *People's Daily*, a proximidade entre o governo da China e do Brasil. As publicações não fazem críticas a UHE de Belo Monte, pelo contrário, elas abordam as visitas do presidente chinês ao Brasil e acordos de cooperação em investimentos nas linhas de energia brasileiras, entre elas Belo Monte.

Vieira e colaboradores (2016) apontam que entre Brasil e China há uma relação de dependência. O Brasil tem recursos naturais em abundância, em contrapartida, precisa de investimentos econômicos para crescer no cenário mundial. Por outro lado, a China é uma das maiores potências econômicas, mas já explorou o que pôde dos próprios recursos naturais a ponto de esgotá-los.

O auge de Belo Monte na pauta nacional

Em 2011, o jornalismo internacional produziu uma única matéria a menos em relação ao ano anterior, enquanto isso o jornalismo nacional mostrou o maior índice de divulgação dos 12 anos, com 182 matérias, sendo 122 primárias e 60 secundárias. O ano foi marcado na imprensa estrangeira pelas dificuldades do consórcio Norte Energia em cumprir as condicionantes referentes às mitigações de impactos ambientais da Licença Prévia e consequentemente sem a possibilidade de receber a Licença de Instalação (LI) nº 770/2011, que autorizaria o início das obras.

Sequeira (2015) conta que, em 2011, o governo brasileiro por meio do presidente do Ibama, na época, Américo Ribeiro Tunes, concedeu uma espécie de “licença parcial”. A partir

daí, Oliveira e Cohn (2014) relatam que a Norte Energia pôde construir os alojamentos, canteiros industriais, áreas de estoque de solo e madeiras. A imprensa estrangeira noticiou: *Começa trabalho de construção da barragem hidrelétrica de Belo Monte* (*The Guardian*, 10/03/2011); *Começam obras de gigantesca hidrelétrica na Amazônia* (*El Espectador*, 07/03/2011); *Após longa batalha, Brasil aprova barragem na Amazônia* (*The Hindu*, 03/06/2011); *Luz verde para a construção de uma gigante barragem na Amazônia* (*Le Monde*, 01/06/2011).

Em abril de 2011, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), órgão vinculado à Organização dos Estados Americanos (OEA), enviou um documento ao governo brasileiro para pedir a suspensão imediata do processo de licenciamento da usina (SANTOS et al., 2012). Esse fato também foi notícia estrangeira com as manchetes: *Novo desafio de direitos humanos para a barragem de Belo Monte no Brasil* (*The Guardian*, 12/04/2011); *Brasil rejeita solicitação do painel para parar a barragem* (*The New York Times*, 05/04/2011); *Brasil e a OEA enfrentam a usina hidrelétrica de Belo Monte* (*El País*, 06/04/2011).

Em outubro de 2011, indígenas e líderes sociais ocuparam o maior canteiro de obras da usina, o Sítio Belo Monte. *Manifestantes ocupam o local de construção da usina hidrelétrica* (*Süddeutsche Zeitung*, 28/10/2011); *No Brasil, a ira de índios e ecologistas contra a barragem de Belo Monte* (*Le Monde*, 29/10/2011).

Ainda em 2011, observou-se que o *Folha de S. Paulo* reforçou o poder do governo nacional e de órgãos internacionais sobre a efetivação da barragem: *Dilma volta a defender a construção de hidrelétricas* (05/07/2011); *Brasil é um país soberano, diz ministro sobre Belo Monte* (25/10/2011); *Presidente da Light confirma interesse em usina Belo Monte* (05/10/2011); *Norte Energia aprova parceiros de Belo Monte nesta terça-feira* (24/10/2011); *Cemig e Light compram participação em Belo Monte* (26/10/2011); *Mercedes-Benz fornecerá 540 caminhões para Belo Monte* (11/08/2011).

Na análise das matérias da *Folha de S. Paulo* percebe-se pelo título a tentativa de atribuir um caráter de agressividade aos indígenas, a partir dos atos de protesto pela reivindicação do usufruto das próprias terras: *Movimento social ameaça (grifo nosso) empresas interessadas em Belo Monte* (23/03/2011); *Índio prevê briga e morte (grifo nosso) se governo prosseguir com Belo Monte* (08/02/2011). Vieira (2015) é enfático ao descrever as marcas da cultura hegemônica impostas pela colonização, que se estendem até hoje, inclusive dentro da imprensa. “O índio é apresentado como sendo o transtorno, o baderneiro, a sujeira, o estranho e o impuro da cidade. É aquele que sempre traz algum tipo de desordem, dúvida e incerteza aos que dominam e controlam o poder” (VIEIRA, 2015, p. 175).

Queda nas publicações

Em 2012, a insatisfação dos trabalhadores da UHE de Belo Monte com baixos salários e dos povos indígenas com a construção da barragem, ocasionou a paralisação das atividades e a ocupação dos canteiros de obras. A justiça, mais uma vez, determinou a parada das obras por irregularidades. Os *sites* jornalísticos internacionais publicaram 28 matérias primárias, sendo 12 sobre os protestos dos trabalhadores e indígenas. O *Jornal de Notícias*, de Portugal, publicou em 26 de junho de 2012: *Protesto paralisa parte da obra da barragem de Belo Monte*.

As demais matérias (16) trataram das autorizações e suspensões das obras da hidrelétrica. Foram publicadas na imprensa internacional: *A Justiça brasileira ordena parar os trabalhos da controversa hidrelétrica na Amazônia (El País, 14/08/2012)*; *Brasil: justiça permite que a construção da barragem retome (The New York Times, 28/08/2012)*; *Construção da barragem de Belo Monte interrompida pelo tribunal brasileiro (The Guardian, 16/08/2012)*.

Já no jornal a *Folha de S. Paulo*, das 104 matérias jornalísticas primárias publicadas em 2012, 66 trataram dos atos de protestos, com maior destaque dos indígenas e dos movimentos sociais. Dez delas abordaram os impasses na justiça sobre a continuidade das obras. O restante focou nas questões de financiamento de Belo Monte, aumento de consumo de energia no país, entre outras.

Inauguração é abafada por corrupção

O ano de 2016 foi outro ponto alto na divulgação. Nele, elevou-se mais uma vez a divulgação por parte dos jornais internacionais e nacionais. O ano foi marcado pelo início da operação comercial da usina. Porém, para os *sites* estrangeiros, isso foi praticamente insignificante comparado com as delações na justiça brasileira sobre esquemas de propina envolvendo políticos e as empreiteiras de Belo Monte. Do total de 33 matérias, apenas uma tratou do início da operação, o restante, principalmente as secundárias, trouxeram Belo Monte como referência aos esquemas de corrupção, tais como: *Corrupção: A confissão de um senador sobre Dilma e Lula da Silva afeta o Brasil (Clarín, 16/03/2016)*; *Suborno usado em doações legais para campanha de Dilma (Jornal de Notícias, 07/04/2016)*.

Das 85 matérias jornalísticas publicadas pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, em 2016, 57 foram primárias. A prioridade de ambos os jornais foi a divulgação da liberação de recursos, por empresas privadas e governo para mais investimento em Belo Monte, início das operações e cobrança das mitigações ambientais. Registrou-se apenas nove matérias primárias sobre investigações de falsos contratos com Belo Monte e esquemas de propina.

Das 28 notícias secundárias, 10 foram do jornal *Folha de S. Paulo* e 18 de *O Globo*. Ambos os jornais trataram cautelosamente dos assuntos referentes à corrupção. A exemplo,

temos: *Andrade Gutierrez divulga pedido de desculpas por ilegalidades em obras (Folha de S. Paulo, 08/05/2016)*; *Andrade Gutierrez encarava propina como 'custo comercial' das obras (O Globo, 28/07/2016)*.

No último ano de coleta da amostragem, o jornalismo nacional elevou novamente o número de publicações para 92 matérias jornalísticas, sete a mais que no ano anterior. O diferencial desse ano foi que os jornais nacionais dobraram o número de publicações secundárias e apresentaram um número reduzido de matérias jornalísticas em que Belo Monte foi a temática principal. Das 92 publicações, 28 foram primárias e 64 secundárias. As primárias abordaram autorização para operação de turbinas, liberação de recursos de empresas privadas para continuidade de Belo Monte, Ibama e Força de Segurança Nacional em proteção a Hidrelétrica. Já as secundárias abordaram os esquemas de delações de políticos e empresários envolvendo a UHE Belo Monte. Temáticas como: “exploração sexual ribeirinha”, “privatização da Eletrobrás” e “baixo nível de água nas hidrelétricas” também foram trabalhadas.

Ainda em 2017, percebeu-se uma queda 73% nas publicações internacionais. Nesse ano houve o registro de apenas duas matérias primárias e sete secundárias. As primárias abordaram o desfile da Escola de Samba da Imperatriz Leopoldinense, que no Carnaval de 2017 homenageou os povos indígenas do Xingu, ao trazerem a temática das ameaças contra o meio ambiente geradas pelos empresários do agronegócio. As sete notícias secundárias versaram sobre o “acordo de energia entre China e Brasil” e “por que os latinos americanos são obcecados por barragens?”.

2005 a 2009: período de inexpressiva atenção midiática

Em relação aos anos com menores registros de matérias jornalísticas (Figura II), verifica-se que de 2005 até 2009, Belo Monte foi praticamente invisível na imprensa estrangeira. Neste período há o registro de apenas duas notícias, uma delas publicada em 20 de novembro 2005, no *The New York Times*, com a chamada *Brasil avalia custos e benefícios da aliança com a China*. O jornal destacou a pressão do governo brasileiro em construir a barragem, apoio do governo chinês para a obra, e desaprovação dos indígenas, que não se viam beneficiados com o empreendimento.

Em 2005 o jornal *Folha de S. Paulo* publicou seis matérias sobre Belo Monte. Duas primárias e quatro secundárias. Apenas uma notícia abordou a autorização do Congresso Nacional para implantação de Belo Monte. A manchete dizia: *Congresso autoriza governo a estudar hidrelétrica no Rio Xingu*.

Em 2006, o jornal *Folha de S. Paulo* noticiou sobre a possibilidade de construção da hidrelétrica, porém tendo-a como informação secundária em nove matérias. Foram oito notícias

com as seguintes abordagens: os riscos de apagão no Brasil, os investimentos no setor de energia do Brasil, incentivo do governo do presidente Lula à construção de Belo Monte e uma reportagem sobre racionamento de luz elétrica. Nota-se pela chamada das matérias um certo “terror” imposto pelo jornal ao relacionar um blecaute geral no Brasil com a ausência de investimentos e ampliação do parque fornecedor de energia. Sousa (2016, p. 61) reforça o poder que a mídia exerce sobre a mente do público. Inclusive ao gerar sentimentos como medo ao “exercer uma espécie de controle, ou até mesmo de governo, sobre nós, (...) nos coagindo, amedrontando-nos, diante da possibilidade de sermos vitimados”.

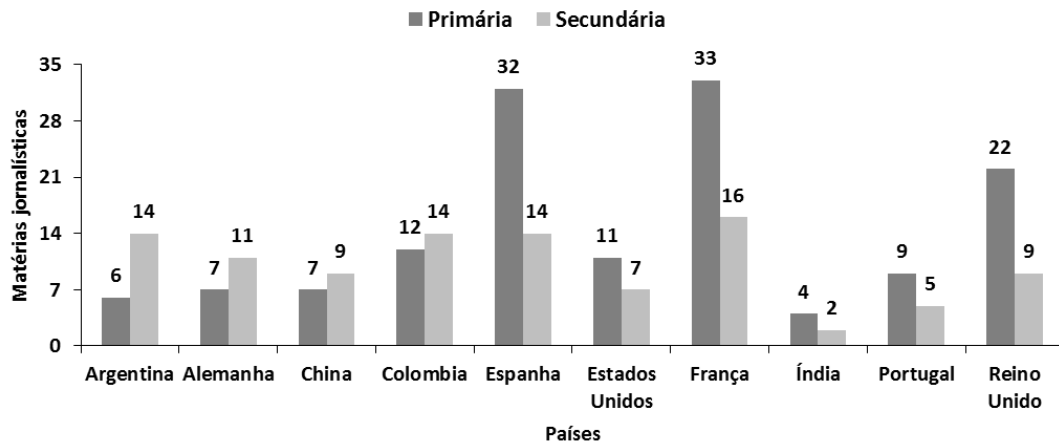
Em 2008, foram 23 matérias publicadas no decorrer do ano no jornal *Folha de S. Paulo*. Este ano, o destaque se deu à suspeita de agressão ou ato de defesa dos indígenas contra um dos funcionários da Eletrobrás. A justiça apurou o fato, porém as manchetes do jornal *Folha de S. Paulo* davam a sentença final. *Presidente da Funai critica ataque de índios (grifo nosso) a engenheiro da Eletrobrás no Pará (Folha de S. Paulo, 21/05/2008)*; *PF intima padre para depor sobre agressão contra (grifo nosso) engenheiro da Eletrobrás (Folha e S. Paulo, 02/05/2008)*; *Engenheiro é agredido (grifo nosso) em encontro sobre Xingu, diz Eletrobrás (Folha de S. Paulo, 20/05/2008)*; *Contra usina, índios ferem (grifo nosso) engenheiro em Altamira (Folha de S. Paulo, 21/05/2008)*. A imprensa nacional também priorizou divulgar os investimentos internacionais a favor de Belo Monte. A notícia publicada em 11 de julho de 2008, no jornal *Folha e S. Paulo*, trouxe no título *Chineses querem investir mais em projetos do PAC*. Nela, Belo Monte é a aposta dos investimentos chineses.

Em 2009 ocorreu mais um salto positivo nas notícias primárias, especialmente no jornal *Folha de S. Paulo*. Das 40 notícias, 31 foram primárias. O ano foi marcado pela entrega por parte da Eletrobrás dos estudos de viabilidade de Belo Monte, suspensão do licenciamento da hidrelétrica por parte da Justiça Federal, derrubada da liminar que desconsiderava o licenciamento ambiental de Belo Monte e suspensão do leilão da usina.

Belo Monte na mídia europeia

Na Figura III observa-se França, Espanha e Reino Unido como os países que mais noticiaram a UHE de Belo Monte. Na história do Brasil e da Amazônia, os países europeus em destaque têm participação nos processos de colonização e no discurso estrangeiro que se solidificou sobre a região amazônica ao longo dos séculos. Além disso, França, Espanha e Reino Unido apresentam os jornais de maior influência no mundo.

Figura III – Número de matérias primárias e secundárias sobre a UHE de Belo Monte entre o período de 2015 a 2017, por país.



Fonte: Pesquisa de campo.

Jean-Pierre Langellier, jornalista do *Le Monde* desde 1976, correspondente no Brasil, conta que entre os países da América Latina, os franceses possuem maior interesse nas terras brasileiras. “O país, de fato, vem se aproximando da França, com ações como o ano do Brasil na França, em 2005, e o ano da França no Brasil, em 2009” (BENICIO, 2014, p. 6).

O jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto é enfático ao escrever que “antes de sermos nacionais já éramos internacionais. A internacionalização é uma característica na Amazônia, mais forte do que em qualquer outra região brasileira” (PINTO, 2014, p.14). Como terra “descoberta”, vem historicamente sendo contada por relatos estrangeiros e não pelos que habitam nela. Em um artigo sobre a internacionalização da Amazônia, Lúcio Flávio Pinto diz que a Amazônia faz parte do mundo como um produto exótico (PINTO, 1992).

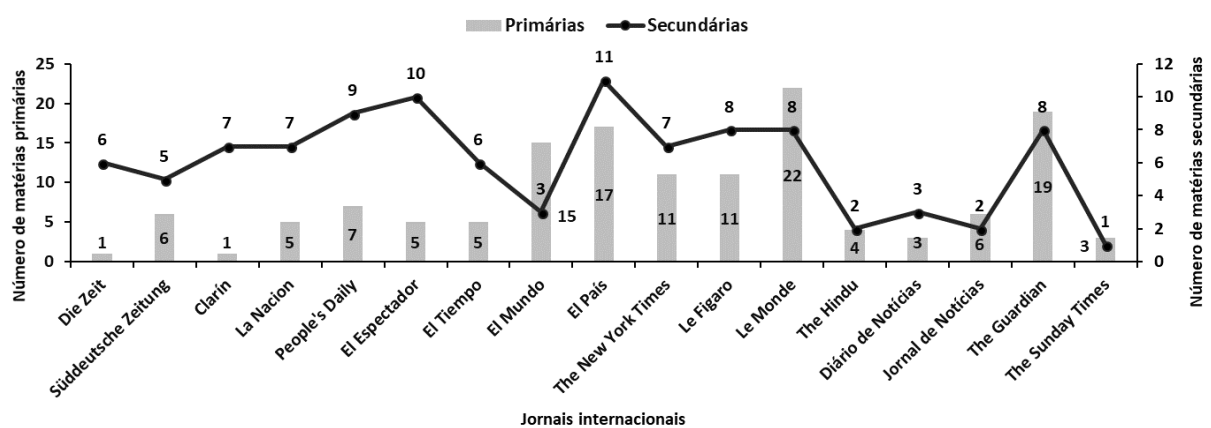
De acordo com Pratt (1999), os discursos estrangeiros muitas vezes são as fontes da nossa identidade nacional. Ferraz (2002) justifica que o Brasil passou a ser conhecido na Europa a partir dos relatos dos viajantes estrangeiros em cartazes de jesuítas portugueses. Herman e McChesney (1998) atribuem aos meios de comunicação global o título de missionários do capitalismo corporativo. “Nesse contexto, as matérias dos correspondentes internacionais atuam como os novos ‘relatos de viagem’, levando as notícias do Brasil para os públicos estrangeiros” (PAGANOTTI, 2007).

Paganotti (2007) pesquisou os estereótipos do Brasil existentes nas coberturas jornalísticas realizadas pelos correspondentes internacionais do *The New York Times* (EUA), *El Mundo* (Espanha), *Diário de Notícias* (Portugal), *The Guardian e The Observer* (Inglaterra). Ele constatou que quando a pauta jornalística envolve a Amazônia, cria-se a imagem de Brasil Verde. “Nos jornais, é predominantemente representada (a Amazônia) de modo negativo por meio da depredação ambiental e dos menos frequentes estereótipos sobre a falta de soberania na

Amazônia, uma ‘terra sem lei’ vista como ‘celeiro’ para o agronegócio” (PAGANOTTI, 2007, p.10).

Na Figura IV, apresenta-se a proporção de matérias primárias e secundárias conforme os jornais. Nota-se que *Le Monde* (França), *The Guardian* (Reino Unido) e *El País* (Espanha) foram os que alcançaram, respectivamente, maior número de matérias primárias sobre a Hidrelétrica de Belo Monte. Em um dossiê a respeito da França, Maffesoli (2003) destaca que o jornal *Le Monde* tem como marca característica a seriedade e a intelectualização.

Figura IV – Número de matérias primárias e secundárias sobre a UHE de Belo Monte entre o período de 2015 a 2017 jornais internacionais.



Fonte: Pesquisa de campo.

The Guardian é considerado “o melhor jornal eletrônico do mundo” (MOLINA, 2007, p. 370). Fundado em 1821, na Inglaterra, *The Guardian* mantém correspondentes na América Latina desde 1990. Segundo a pesquisadora de mídia internacional, Dalpiaz (2013), o olhar britânico enxerga no Brasil uma nação emergente e ao mesmo tempo cheia de problemas. Já o *El País* é o jornal mais conhecido e influente da Espanha. Em 2013, lançou uma versão em português devido ao grande acesso dos brasileiros.

Não houve nenhuma ocorrência de notícias no jornal chinês *Yangtse Evening New's*, nos jornais coreanos *The Dong A Ilbo* e *The Joongang Ilbo*, no jornal dos Estados Unidos, *The Wall Street Journal*, e na Índia com o *The Times of India*.

Conclusão

A UHE de Belo Monte, localizada na Amazônia brasileira, é a terceira maior hidrelétrica do mundo. Porém, mais de 90% de todo conteúdo jornalístico produzido sobre Belo

Monte é constituído de informações compactas e menos exploradas, chegando a ser quase inexpressivo os números de reportagens aprofundadas sobre a UHE de Belo Monte.

Percebe-se que a visão histórica internacional dos países sobre a Amazônia oportunizou mobilização em escala mundial para noticiar Belo Monte, a ponto de surgirem especulações na imprensa internacional sobre o futuro da floresta, dos rios e dos povos que habitam aquela região da Amazônia. Impera a ideia estrangeira de uma Amazônia que é de interesse mundial.

Os índios foram tirados das próprias terras e das relações que construíram com a natureza, foram reportados pela imprensa nacional como baderneiros, causadores da desordem, intrusos nos próprios territórios ao reivindicarem as terras que lhes são de direito. Surpreendentemente negativa foi a função dos jornais brasileiros ao enfatizarem Belo Monte como proposta de crescimento econômico e soluções para os problemas de energia no país. A produção de um número maior de conteúdo não assegurou a divulgação real da identidade desses personagens. Ao contrário da imprensa internacional que atuou como conscientizadora das problemáticas socioambientais da hidrelétrica, o que pode ser positivo mundialmente.

Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalista: do mito ao mercado. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, p. 45-57, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/12442/1/ARTIGO_JornalismoMitoMercado.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2016.

AGUIAR, Leonel Azevedo; RODRIGUES, Claudia. Ser jornalista na contemporaneidade: uma contribuição aos estudos da profissão. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 7, n. 21, 2017. Disponível em: <<http://www.fnj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/491/321>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). **Maiores jornais do Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/os-100-maiores-jornais-do-mundo-2/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. S. Paulo: Editora Montecristo, 1990. 53 p. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_AImprensa_eo_dever_da_verdade.pdf>. Acesso em: 12 dez.2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. S. Paulo: Edições 70, 2011.

BENICIO, Milla. Do Brasil no Le Monde. **Revista Garrafa**, v. 33, p. 1-9, 2014. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa33/Milla_Benicio_Da_possibilidade__traduzir_cultura_Garrafa_33.pdf. Acesso em: 15 mar. 2018.

BERMANN, Célio. O projeto da Usina Hidrelétrica Belo Monte: a autocracia energética como paradigma. **Novos Cadernos NAEA**, v. 15, n. 1, p. 5-23, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/895/1343>>. Acesso em: 10 maio 2018.

BRASIL, República Federativa. **Diário da Câmara dos Deputados**. Brasília. Congresso, 2005.

COSTA, Alda Cristina.; OLIVEIRA, Ivana Cláudia; RAVENA, Nírvia. Vozes institucionais e os discursos de dominação: análise dos grandes projetos hidrelétricos na Amazônia. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 24, n. 2, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4955/495553931001.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

DALMOLIN, Aline Roes; SILVEIRA, Ada Cristina Machado Um abismo vigiado: segurança e soberania no discurso jornalístico televisual sobre fronteiras na Amazônia. **Revista Internacional de Ciencias Sociales**, v. 5, n. 1, p. 29-41, 2016. Disponível em: <<http://journals.epistemopolis.org/index.php/csociales/article/view/368/27>>. Acesso em 11 jun. 2018.

DALPIAZ, Jamile. G. **Representações do Brasil na imprensa britânica: uma análise cultural do jornal The Guardian**. 2013.203 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontífice Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA. **Plano Nacional de Expansão de Energia 2011-2020**. Brasília: Ministério de Minas e Energia; Empresa de Pesquisa Energética, 2011. 344p.

FEARNSIDE, Philip. Gases de efeito estufa no EIA-RIMA da hidrelétrica de Belo Monte. **Novos Cadernos NAEA**, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/596/848>>. Acesso em: 23 maio 2017.

FERRARI, Pollyana. **S. Paulo: Contexto**, 2014. 128 p.

FERRAZ, Oséias Silas. “Nota Preliminar”. In: **CAMINHA, Pero Vaz de. Carta ao rei Dom Manuel**. Belo Horizonte: Crisálida, 2002.

FERREIRA, Antônia M.M; SALATI, Enéas. Forças de transformação do ecossistema amazônico. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 54, p. 25-44, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n54/02.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

FERREIRA, Norma S.A. As pesquisas denominas ‘estado da arte’. **Educação e Sociedade**, v, 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

FLEURY, Lorena Candido; ALMEIDA, Jalcione. A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento. **Ambiente & Sociedade**, v. 16, n. 4, p. 141-158, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/317/31729904009.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2018.

FONSECA, André Azevedo da. Água de uma fonte só. In VILLAS BOAS, Sérgio (org.). **Formação e Informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. SP: Summus, 2004.

HERMAN, Edward S.; MCCHESENEY, Robert Waterman. “The rise of global media”. In: **The global media – the new missionaries of corporate capitalism**. Nova Déli: Madhyam Books, 1998.

JAMPOLSKY, Jacquelyn Amour. Activism is the New Black-Demonstrating the Benefits of International Celebrity Activism through James Cameron's Campaign against the Belo Monte Dam. **Colo. J. Int'l Env'tl. L. & Pol'y**, v. 23, p. 227, 2012. Disponível em: <<https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/colenvlp23&div=9&id=&page=>>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

JUNK, W.J.; MELLO, J.A.S.N. Ecological impacts of hydroelectric dams in Brazilian Amazon Basin. **Estudos Avançados**, v. 4, n.8, p.126-143. 1990.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Convergência das redações**: Mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalismo. In: RODRIGUES, Carla. **Jornalismo on-line: Modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Porto Alegre: Sulina, 2009.

LIMA, Maria Thereza da Silva Lopes et al. On the Brazilian energetic situation 1970-2030. **Ciência e Natura**, v. 37, p. 06-16, 2015. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/index.php/cienciaenatura/article/viewFile/18492/pdf>>. Acesso em: 14 dez.2018.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir. **Estudos Avançados**, v. 16, n. 45, p. 107-121, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a08.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

MACIEL, Harine Matos; KHAN, Ahmad Saeed. Intensidade energética dos países integrantes do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 4, n. 8, p. 443-459, 2017. Disponível em:<<http://revista.ecogestaobrasil.net/v4n8/v04n08a16a.html>>. Acesso em 12 jun. 2018.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.20, p.13-20. 2003.

MAGNONI, Antônio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira. Os meandros de uma comunicação (hiper) local em um cenário rural. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, v. 3, n. 1, p. 91-110, 2016. Disponível em: <<http://177.101.17.124/index.php/pauta/article/view/8696/5125>>. Acesso em 26 jun. 2018.

MENDES, Carlos A. N. **Consumo de energia e crescimento econômico: uma relação em estudo com foco nos países componentes do BRICS**. Santa Maria, 2014. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo. Uma visão da imprensa internacional**. S. Paulo: Globo, 2007. 680 p.

MORETTO, Evandro Mateus et al. Histórico, tendências e perspectivas no planejamento espacial de usinas hidrelétricas brasileiras: a antiga e atual fronteira Amazônica. **Ambiente & Sociedade**, v. 15, n. 3, p. 141-164, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v15n3/a09v15n3.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2018.

MORETZSOHN, Sylvia Debossa. O “novo ritmo da redação” de O Globo: a prioridade ao jornalismo digital e seus reflexos nas condições de trabalho e produção da notícia. **Parágrafo**, v. 2, n. 2, p. 59-79, 2014. Disponível em:<<http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/234/280>>. Acesso em: 24 jan.2018.

NEVEU, Erik. As notícias sem jornalista: uma ameaça real ou uma história de terror. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, p. 29-57, 2010. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/246/244>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. S. Paulo: Loyola, 2006. 216 p.

OLIVEIRA, João Pacheco de; COHN, Clarice. (Org). **In_____**. Belo Monte e a Questão Indígena. Brasília-DF: ABA, 2014.

PAGANOTTI, Ivan. Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais. **Rumores**, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/Rumores/article/view/51102/55172>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

PINTO, Lúcio Flávio Amazônia: uma página ainda escrita em garranchos. **Revista Sentidos da Cultura**, v. 1, n. 1, p. 11-16, 2014. Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/sentidos/article/view/348/325>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

PINTO, Lúcio Flávio. A internacionalização da Amazônia. **Revista USP**, n. 13, p. 10-14, 1992. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/25592/27334>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999. 394 p.

SANTOS, Thauan. et al. Belo Monte: Impactos sociais, ambientais, econômicos e políticos. **Tendências**, v. 13, n. 2, p. 214-227, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4241061>>. Acesso em: 17 mar.2018.

SEQUEIRA, João Elbio; SILVA, Maria Dolores.O ativismo judicial transnacional e a “Transnational Advocacy Network” na construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. **Revista Política Hoje-ISSN: 0104-7094**, v. 23, n. 2, p. 177-202, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/politicahoje/article/view/3747/3049>>. Acesso em 29 maio 2018.

SEVA FILHO, Oswaldo. **Hidrelétricas na Amazônia e no Xingu. Uma síntese dos problemas para as populações e a natureza**. Livros, p. 57-66, 2015. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/livros/article/viewFile/131/128>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

SILVA, Fernando Firmino. Jornalismo reconfigurado: tecnologias móveis e conexões sem fio na reportagem de campo. **In: XXXI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Natal, 2008. Anais...

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. O que dizem as crianças não indígenas sobre as populações indígenas: um estudo a partir de desenhos infantis. **Tellus**, n. 28, p. 167-176, 2015. Disponível em: <<http://tellus.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/view/359/340>>. Acesso em 10 jun. 2018.

VIEIRA, Pedro Abel; BUAINAIN, Antônio Marcio; COVOLAN, Eliana Valeria Covolan O Brasil alimentará a China ou a China engolirá o Brasil?. **Revista Tempo do Mundo, IPEA**, v. 2, n. 1, p. 51-82, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6440/1/TdM_v2_n1.pdf#page=53>. Acesso em: 11 jun. 2018.

WAINBERG, Jacques Alkalai. O ativismo das estrelas e a comunicação dissidente. **Animus (Santa Maria. Online)**, v. 15, n.19, 2016. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9847/2/O_ativismo_das_estrelas_e_a_comunicacao_dissidente.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.

XINGU VIVO. **Cronologia de Belo Monte**. Xingu Vivo. [S.d.]. Disponível em: http://www.xinguvivo.org.br/x23/?page_id=3012 Acesso em: 5 set. 2015.

ZAGO, Gabriela Da Silva; BASTOS, Marco Toledo. Visibilidade de Notícias no Twitter e no Facebook: Análise Comparativa das Notícias mais Repercutidas na Europa e nas Américas. **Brazilian Journalism Research (Online)**, v. 9, p. 116- 133, 2013. Disponível em:<<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/510/445>>. Acesso em: 1 maio 2018.

Belo Monte: the international and national visibility of the Hydroelectric Plant in the main newspapers of the American, European and Asian continent

Abstract

Newspapers are still the only sources of information about the environment. In view of this fact and the great impact of the construction of the hydroelectric power plant (UHE) of Belo Monte, the objective of the study was to carry out a survey of the journalistic matters on Belo Monte between 2005 and 2017. The data were collected on the most circulating newspaper sites on the American, European and Asian continents. The content of 1,188 materials was analyzed qualitatively and quantitatively, according to the proposal of Bardin (2011). The height of the disclosure occurred with the auction of the concession of the plant and with the spectacularization of celebrities who came to the Amazon to fight against Belo Monte. One can

perceive the international historical view on the Amazon, as well as the idea of a world-owned Amazon.

Keywords: Framework. Content analysis. Journalism. Amazon. Belo Monte.

Belo Monte: la visibilidad internacional y nacional de la central hidroeléctrica en los principales diarios del continente americano, europeo y asiático

Resumen

Los periódicos siguen siendo las únicas fuentes de información sobre el medio ambiente. En vista de este hecho y del gran impacto de la construcción de la central hidroeléctrica (UHE) de Belo Monte, el objetivo del estudio fue llevar a cabo un estudio de los asuntos periodísticos en Belo Monte entre 2005 y 2017. Los datos se recolectaron en los sitios de periódicos más circulantes de los continentes americano, europeo y asiático. Se analizó cualitativamente y cuantitativamente el contenido de 1.188 materias, de acuerdo con la propuesta de Bardin (2011). La altura de la divulgación ocurrió con la subasta de la concesión y con la espectacularización de celebridades que vinieron al Amazonas para luchar contra Belo Monte. Percibimos la visión histórica internacional de la Amazonia, así como la idea de una Amazonia de propiedad mundial.

Palabras clave: Marco. Análisis de contenido. Periodismo. Amazonas. Belo Monte.

ARTIGO 2: “A visão dos jornais sobre os povos indígenas contra a Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte”. O Artigo está estruturado nas normas de submissão do Boletim de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi - Qualis A2 em Comunicação e Informação e A2 em Interdisciplinar. O artigo foi enviado a esta revista e aguarda parecer dos editores.

A visão dos jornais sobre os povos indígenas contra a Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte

The vision of the newspapers about indigenous peoples against the Belo Monte Hydroelectric Power Plant (HPP)

Resumo

Ao surgirem as primeiras repercussões da construção da UHE Belo Monte, os povos indígenas se manifestaram contra o empreendimento. A imprensa acompanhou as mobilizações até os dias atuais. A pesquisa almejou investigar a visibilidade e representação na imprensa internacional e nacional dos povos indígenas contra a construção da UHE Belo Monte. Identificaram-se os veículos de maior impacto/circulação nos continentes Americano, Europeu e Asiático. Selecionaram-se 54 matérias jornalísticas publicadas entre 2005 a 2017. Elas trataram apenas da UHE Belo Monte e os indígenas, publicadas em 15 *sites* jornalísticos. Por meio da Análise de Conteúdo (AC), os resultados revelaram que os povos indígenas e a UHE Belo Monte são pautas políticas e econômicas. Os jornais estrangeiros deram mais visibilidade à fala dos povos indígenas, ao contrário dos nacionais que priorizaram o governo.

Palavras-chave: Representações sociais. Amazônia brasileira. Análise de Conteúdo. Belo Monte.

Abstract

When the first repercussions of the construction of the HPP Belo Monte appeared, the indigenous peoples demonstrated against the enterprise. The press has accompanied the demonstrations to this day. The research aimed to investigate the visibility and representation in the international and national press of indigenous peoples against the construction of Belo Monte HPP. The vehicles with the greatest impact / circulation were identified on the American, European and Asian continents. There were selected 54 journalistic articles published between 2005 and 2017, which dealt only with Belo Monte HPP and the indigenous ones, published in 15 journalistic sites. Through the Content Analysis (AC), the results revealed that indigenous peoples and Belo Monte HPP are political and economic guidelines. Foreign newspapers gave more visibility to indigenous people, unlike nationals who prioritized government.

Keywords: Social representations. Content analysis. Belo Monte.

Introdução

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), em 2010, a população indígena no Brasil era de aproximadamente 817 mil pessoas. Eles ocupam 33% do território nacional, distribuídos em 698 terras demarcadas, sendo 470 regularizadas e reconhecidas pelo Estado (RICARDO et al., 2015). Muito mais do que locais para estabelecer moradia, as Terras Indígenas (TI) “representam a manutenção das tradições e identidades dos povos que nelas vivem” (DOURADO et al., 2017, p. 231).

Estudos demonstram que antes da chegada dos colonizadores, a Amazônia já era ocupada pelos povos indígenas (FILHO, 2015). Em meio a biodiversidade da região, esses povos continuam a construir um estilo de vida e tradições baseados no uso dos recursos naturais para atender as necessidades de alimentação, saúde e socialização (SCHWARTZMAN et al., 2013). No sentido oposto, as grandes metrópoles exigem o “rápido crescimento da demanda global por novas fontes de energia e à diminuição de locais, no planeta, com potencialidades para tanto” (FRANCO; FEITOSA, 2013, p. 94).

Filho (2015, p. 6) conta que, no passado, para retornarem as próprias terras, os povos indígenas agiam com a força da flecha contra os colonizadores, porém, na atualidade, a resistência é sobre os madeireiros, garimpeiros e os perigosos barrageiros. As invasões por parte dos grandes projetos hidrelétricos se tornaram latentes ameaças aos povos (FILHO; SOUZA, 2009; VERDUM, 2012).

Nesse sentido tem-se o caso da terceira maior barragem do mundo, a Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte, que ocupa as áreas da T.I. Paquiçamba e da T.I. Arara da Volta Grande, no município de Vitória do Xingu, microrregião de Altamira, no estado do Pará (BERMANN, 2012). Segundo Stropper (2014), a área em que se situa a hidrelétrica é rica em fauna e flora, sendo povoada também por ribeirinhos, agricultores e pescadores. No entanto, raramente estes atores são consultados sobre as decisões tomadas a respeito das terras em que habitam (SANTOS et al., 2012).

Imprensa, indígenas e Belo Monte

No caso da UHE Belo Monte, desde a década de 1970, os povos indígenas já se manifestavam contra o empreendimento, naquela época denominado de Usina Kararaô, nome alusivo ao grito indígena dos Kayapó (FEARNSSIDE, 2015). Nesse período, iniciaram-se os Estudos de Inventário Hidrelétrico da Bacia Hidrográfica do Rio Xingu, publicados no Plano Nacional de Energia Elétrica (PNEE) 1987/2010. Neste estudo, o governo frisou que “o aproveitamento do Rio Xingu se constituirá, possivelmente, no maior projeto nacional no final deste século e começo do próximo” (PNEE, 1986).

Em 1989 foi sediado, em Altamira (Pa), o Encontro dos Povos Indígenas do Xingu. Esse encontro reuniu o “diretor e posterior presidente da Eletronorte, Antônio Muniz Lopes, assim como o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o prefeito de Altamira, ambientalistas, povos indígenas e o cantor inglês Sting” (FLEURY; ALMEIDA, 2013, p. 143). Na ocasião, diante da imprensa nacional e internacional, a índia Tuíra apontou o facão para o rosto do presidente da Eletronorte. A imagem repercutiu o mundo e o projeto de construção da usina adormeceu por um período. “Anos depois, José Antônio Muniz Lopes retomou o projeto de barramento do rio Xingu” (ALONSO, 2015, p. 83).

Quase três décadas depois, em meio a dezenas de protestos de ambientalistas, movimentos sociais e dos próprios povos indígenas, em 5 de maio de 2016, Dilma Rousseff, presidente do Brasil na época, inaugurou a UHE Belo Monte, com capacidade instalada de 11.233,1 Megawatts (MW) (BRASIL, 2016). Mesmo com mobilizações sociais e ambientais, “o Projeto da Barragem foi imune a todos os argumentos – lógicos, jurídicos e morais – e bem-sucedido na obtenção de suporte nas agências governamentais que o promoveram, nos bancos que o financiaram e nas empresas que investiram nele” (FEARNSIDE, 2018, p. 164).

O vencedor do leilão de licitação das obras da UHE Belo Monte foi o consórcio Norte Energia S/A (Nesa), composto por empresas estatais como a Eletrobrás, Chesf e Eletronorte; empresas privadas como Vale e J. Malucelli Energia e outros potentes investidores (OLIVEIRA; MARQUES, 2012). O Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) concedeu empréstimo de R\$ 30 bilhões para a construção da usina (FAINGUELERNT, 2016).

As lideranças dos povos indígenas juntamente com os demais movimentos sociais se mobilizaram em protesto pelo Brasil, pois o dinheiro do BNDES tratava-se de recursos públicos (OLIVEIRA, MARQUES; 2012). Com esses recursos, a hidrelétrica no Xingu ganhou forma e o “número de atingidos pelas obras da UHE Belo Monte e suas consequências chegaram a 40 mil pessoas e a 24 etnias que habitavam a bacia do Xingu” (SUDATTI, 2014, p. 15).

Pesquisadores influentes como o diretor da coordenação dos programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Luiz Pinguelli Rosa, disse em entrevista que impactos socioambientais como o de Belo Monte sempre existirão, porém, há necessidade de desenvolvimento do país com suprimento energético (REDE BRASIL ATUAL, 2010). E, ao expor opiniões de pessoas influentes na mídia, “o Brasil foi disfarçando a grande opressão que sofre a população indígena ao longo dos anos” (BAPTISTA; RODRIGUES; LOPES, 2016, p. 155).

Diante do potencial que a mídia tem de expor opiniões e os envolvidos em assuntos de interesse mundial, a presente pesquisa analisou a visibilidade e representação dos povos

indígenas contra a construção da UHE Belo Monte, sob o olhar da imprensa internacional e nacional.

Questiona-se o papel que os veículos jornalísticos têm em dar voz aos povos indígenas, investigando-se a atuação da mídia como fonte de informação para o mundo sobre os impactos socioambientais da UHE Belo Monte. A partir do princípio de que “o discurso da mídia jornalística se caracteriza, por tradição, como imparcial” (LEITE; FARIAS, 2017, p. 176), almeja-se descobrir ainda qual o posicionamento da imprensa – a favor, contra ou neutra – em relação a viabilidade da usina.

Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio da Análise de Conteúdo (AC), de acordo com os teóricos Bardin (2011), Chizzotti (2010), Silva et al. (2005), Caregnato e Mutti (2006). A Análise de Conteúdo é “um conjunto de técnicas das comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de recepção/produção” (BARDIN, 2011, p. 48).

Chizzotti (2010, p. 114) pontua a AC como “um tipo de análise da comunicação que pretende garantir a imparcialidade objetiva, socorrendo-se da quantificação das unidades do texto claramente definidas, para gerar resultados quantificáveis ou estabelecer a frequência estatística das unidades de significado”.

A AC é uma técnica de investigação utilizada tanto para pesquisas quantitativas quanto qualitativas. A diferença é que segundo Silva et al. (2005) e Caregnato e Mutti (2006), a quantitativa resulta numa frequência de características repetidas no conteúdo do texto, enquanto que na qualitativa se verifica a ausência ou presença de determinada característica de um trecho da mensagem.

A escolha dos veículos de comunicação jornalístico baseou-se no *ranking* dos jornais de maior circulação no mundo, produzido pela Associação Nacional de Jornal (ANJ, 2010). A escolha dos *sites* baseou-se nos autores Zago e Bastos (2013), que atualizaram os periódicos de maior circulação no mundo, a partir de especialistas em pesquisas e auditorias de mídias nacionais e internacionais.

A partir dos jornais selecionados, identificaram-se os de maior impacto/circulação nos países do continente Americano: Estados Unidos, Argentina, Brasil e Colômbia; do Europeu: Alemanha, Espanha, França, Portugal, Reino Unido; e Asiático: China, Coreia do Sul e Índia. Os outros continentes, África, Oceania e Antártida, não foram inclusos na pesquisa pois em seus países não constam os sites jornalísticos de maior circulação no mundo.

Para a escolha dos países de cada continente, priorizaram-se os mais populosos, de ligação histórica com o Brasil ou em que a imprensa estrangeira alcança o público brasileiro. Para cada país, dois jornais *online* foram selecionados, totalizando 24 páginas na internet.

Dentre os 24 *sites* jornalísticos selecionados, fez-se uma primeira amostragem de matérias jornalísticas exclusivamente sobre a UHE Belo Monte. A amostragem foi delimitada a partir do ícone de busca dos *sites*, no idioma original dos países, para que o próprio *website* do jornal fizesse o apanhado geral de conteúdo. As palavras-chave utilizadas foram: “Hidrelétrica Belo Monte” e “Belo Monte”.

Em seguida, foram selecionadas apenas matérias que relacionaram a UHE Belo Monte com os povos indígenas. A amostragem final foi delimitada pelas palavras-chave: “Índio”, “Povos Indígenas”, “Guardiões”, “Povos Amazônicos”, “Indígenas”, “Menos Capacitados”, “Protestantes”, “Etnias”, “Grupos”, “Homem”, “Famílias”, “Ambientalistas”, “Manifestantes” e “Brasileiros”.

O levantamento das matérias jornalísticas ocorreu em publicações de 2005 a 2017. O período de 12 anos se justifica pelo fato de que em 2005 o Congresso Nacional aprovou o processo de licenciamento da hidrelétrica (BRASIL, 2005), mesmo em meio aos protestos dos povos indígenas. Já 2017 foi escolhido por ter sido de início da presente pesquisa. A amostragem ainda se limitou a notícias e reportagens, do gênero jornalístico informativo (MARQUES DE MELO, 2010). Tavares (1997) define notícia como fatos de interesse imediato, ao contrário da reportagem, que aborda com maior profundidade um assunto, analisando-o e interpretando-o.

Fez-se a leitura de cada matéria jornalística, contabilizando-se os termos utilizados com mais frequência nos títulos das matérias para referir-se aos povos indígenas; os autores que assinam os conteúdos; local de autoria; editoria; fontes; aspectos positivos e negativos da UHE Belo Monte pontuados pelos jornais.

O balanceamento da opinião das fontes dos veículos também foi analisado. O método para análise do caráter da informação baseou-se no posicionamento emitida pelas fontes entrevistadas em cada matéria (BELTRÃO, 2017), classificada “A Favor” ou “Contra” a construção da hidrelétrica.

Resultados e Discussão

De janeiro de 2005 a dezembro de 2017, identificaram-se 1.188 matérias jornalísticas sobre a usina Belo Monte, sendo 245 internacionais e 943 nacionais. No entanto, apenas 54 matérias trataram sobre os povos indígenas, sendo 49 notícias e cinco reportagens.

Em 12 anos de publicações sobre Belo Monte, apenas 4,6% das 1.188 matérias colocam o indígena em pauta. Uma porcentagem mínima comparada a proporção de matérias sobre a usina.

A invisibilidade do indígena na imprensa indica o reflexo da supressão histórico. A Revista Tempo publicou, em 2007, um dossiê sobre povos indígenas, escrito pela historiadora Maria Regina Celestino. Ela questionou “onde estão os índios na História do Brasil?” (ALMEIDA, 2007, p. 1). Ao estudar a história indígena, Monteiro (2000, p. 221) concluiu que “para os índios, não há história, há apenas etnografia”.

Outra diferença notória foi entre a quantidade de notícias e reportagens. A disparidade de publicações de uma para outra é um possível indicativo das mudanças no comportamento das produções das matérias jornalísticas. Com a rapidez das informações pela *web*, os conteúdos têm sido produzidos em grande escala e em menor tempo de apuração e preparo para publicação. Conseqüentemente, tem gerado mais notícias do que grandes reportagens.

Starkman (2014) diz que os jornalistas podem até descrever a paisagem, porém dispõem de menos tempo para levantar as pedras. “Nos encontramos num momento em que as redações têm priorizado (...) apurações feitas à distância, via telefone, internet ou outros dispositivos digitais” (ASSIS, 2017, p. 43). “Sentado à secretária, o jornalismo perdeu o contato com a reportagem e ficou refém das fontes oficiais” (COELHO; SILVA, 2018, p. 81).

As 54 matérias levantadas sobre os povos indígenas e a UHE Belo Monte foram publicadas em 15 *sites* jornalísticos. São eles: *El Espectador* e *El Tiempo* (Colômbia); *El Mundo* e *El País* (Espanha); Folha de S. Paulo e O Globo (Brasil); Jornal de Notícias (Portugal); *La Nación* (Argentina); *Le Figaro* e *Le Monde* (França); *People's Daily* (China); *Süddeutsche Zeitung* (Alemanha); *The Guardian* e *The Sunday Times* (Reino Unido); e *The New York Times* (Estados Unidos).

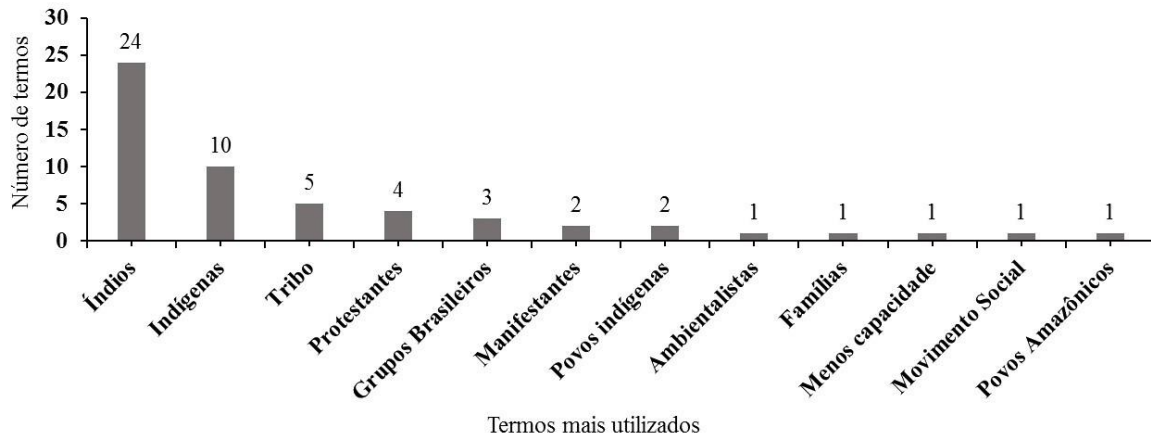
Na primeira amostragem de 1.188 matérias, houve três vezes mais conteúdo publicado nos *sites* nacionais que internacionais. Todavia, ao se limitar à segunda amostragem de 54 publicações, a imprensa internacional se mostrou mais interessada, ao produzir mais que o dobro de conteúdo que a nacional. Foram 38 produções estrangeiras e 16 nacionais.

Apesar de a hidrelétrica estar localizada no Brasil e geograficamente ser mais acessível à imprensa nacional, os jornais estrangeiros exploraram melhor a temática. Nunes (2015, p. 270) explica que assuntos diretamente ligados a região amazônica despertam interesse internacional “pela possibilidade de a região abrigar excedentes populacionais de outras partes do mundo, produtora de alimentos; e território com grandes reservas de recursos estratégicos (água, petróleo, gás, ferro, manganês, bauxita, urânio, biodiversidade)”. Outro fator que pode ter

influenciado a produção de matérias jornalísticas na imprensa estrangeira são os interesses internacionais na Amazônia (BENATTI, 2007).

A partir da leitura dos títulos das matérias internacionais e nacionais, identificou-se 12 termos que fazem referência aos povos indígenas. A Figura 1 mostra que em maior número os povos indígenas são chamados de “índios”, seguido de “indígenas” e em terceiro de “tribo”.

Figura 1 – Termos utilizados pelos jornais para se referir aos povos indígenas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Grupioni, Vidal e Fischmann (2001) enfatizam que é frequente ler ou ouvir na imprensa o nome “tribo” trocado, grafado ou pronunciado de maneira aleatória para se referir aos indígenas. Os mesmos autores ressaltam que esse comportamento da imprensa reduz os povos indígenas “a um conjunto de pastas de recortes e fotografias classificadas genericamente como ‘índios’” (p. 65).

Collet, Paladino e Russo (2014) reforçam que o mais correto é usar a palavra etnia ou povo indígena para referir-se a eles e que o conceito de “índio” surgiu quando os europeus chegaram à América e acreditaram estar na Índia. Ainda de acordo com os mesmos autores, a expressão “indígenas” foi trazida pelo colonizador, pois antes da chegada dos europeus, não havia uma palavra utilizada pela população nativa para se designar como coletivo.

Outro termo que chamou atenção, embora não tenha sido o mais frequente, está na reportagem publicada em 11 de outubro de 2017, no jornal *El País*, com o seguinte título: “Eu luto por aqueles que têm menos capacidade de se defender”. O título está entre aspas, pois faz referência a fala da ambientalista e fundadora do movimento Xingu Vivo Para Sempre, Antonia Melo da Silva. Na reportagem, Antonia é entrevistada por ter sido vencedora de um prêmio sobre justiça social, lutar por mais de duas décadas contra a barragem Belo Monte, assim como defender os indígenas atingidos pelo empreendimento.

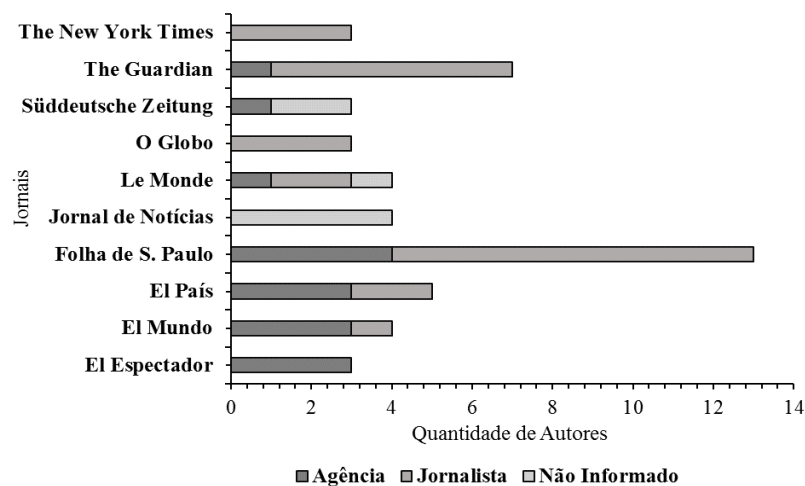
Embora alguém que lute pelas minorias, ao se reportar sobre os povos indígenas como pessoas menos capazes de se defenderem, inconscientemente ou não, a entrevistada tende a classificá-los como vítimas passivas.

Em pesquisa sobre “A desumanização presente nos estereótipos de índios e ciganos”, Lima, Faro e Santos (2016) analisaram as crenças pessoais e coletivas de 378 pessoas sobre a imagem dos povos indígenas e constataram: 19,6% dos entrevistados acreditam que os povos indígenas são discriminados/excluídos; 11,1% selvagens; 10,6% aproveitadores/preguiçosos; 6,9% diferentes; e 6,6% inferiores/incapazes/ignorantes.

Lima e Gadelha (2015, p. 83) reforçam que “esse processo de inferiorização e subjugação do ‘povo tradicional amazônico’ continuou mesmo após a independência do Brasil, não mais numa perspectiva apenas internacional, mas também nacional”. De acordo com Loureiro (2002), isso se justifica pelo fato de que os grandes centros urbanos passaram a ser modelos de cultura formal e as populações urbanas da Amazônia, almejando parecer com o “desenvolvimento”, abandonaram os costumes da cultura indígena e passaram a vê-la de maneira pejorativa e estática.

Quanto aos responsáveis pela apuração jornalística e escrita das matérias, a Figura 2 dividiu os autores dos conteúdos em três categorias: “agência” (matérias produzidas por agências de notícias e adquiridas pelos jornais apenas para reprodução), “jornalista” (matérias produzidas pelos repórteres do próprio veículo); e “não informado” (não se especifica quem a produziu).

Figura 2 – Autores das matérias jornalísticas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Embora a maioria das matérias tenha sido assinada pelos jornalistas dos veículos da grande imprensa (26), 16 foram de agências de comunicação. As agências noticiosas se

transformaram em grandes meios de comunicação, com correspondentes e cobertura que a imprensa hegemônica, em muitos casos, não consegue abranger, por isso necessitam comprar informação.

As matérias das agências não chegam nas redações de forma bruta. Elas são apuradas, escritas e entregues prontas para os jornais. Marques (2005, p. 40) destaca que esses conteúdos “são imprescindíveis para os jornais por motivo econômico, mas em contrapartida acabam por gerar a homogeneização da notícia no conjunto das publicações”.

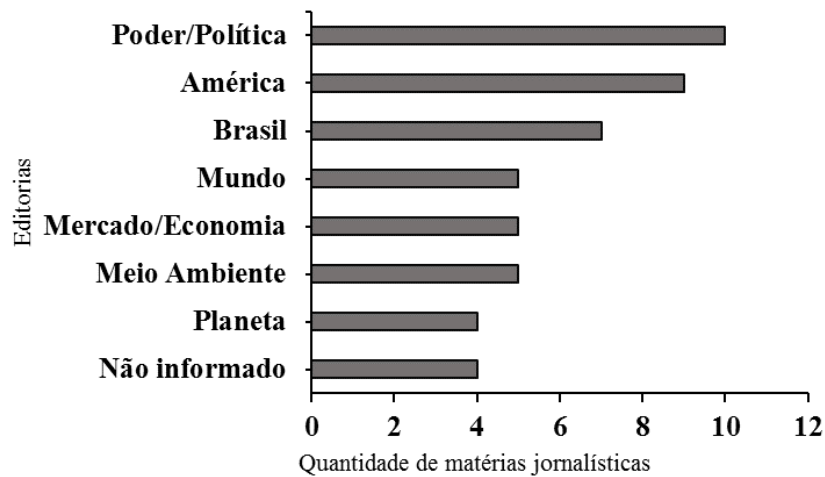
As matérias de agências alimentam a mídia, nacional ou estrangeira, pública ou corporativa. Ou seja, um mesmo produto para uma série de veículos. Por conseguinte, multiplicam nos jornais um único discurso. As agências “têm o potencial multiplicador de conteúdo, disseminando informações e discursos que podem obedecer ao planejamento para o desenvolvimento” (AGUIAR, 2016, p. 37).

Das 13 publicações, quatro da Folha de S. Paulo foram de agências, uma da Reuters, maior agência internacional de notícias, com sede em Londres, e três da Agência Espanhola de Notícias (EFE). Em seguida, ficou o *The Guardian* com sete publicações, sendo seis por jornalistas e apenas uma de agência. O Globo não optou por notícias de agências ao publicar três matérias assinadas por jornalistas. Ao contrário do *El Espectador* que publicou apenas de agências.

Assis (2017, p. 48) considera os conteúdos de agências, informações de “segunda mão”, pois são coletados, em geral, por telefone ou via internet. Para o mesmo autor, um bom trabalho jornalístico é capaz de dar ênfase aos personagens e ao ambiente com histórias completas e não fragmentadas, e isso “não se faz pelo telefone ou pelo e-mail. Não se faz às pressas”.

Nos jornais ocorre a divisão por editorias temáticas, que são seções em que se agrupam assuntos comuns. A Figura 3 busca identificar em quais temáticas centrais as matérias sobre a UHE Belo Monte e os povos indígenas foram classificadas.

Figura 3 – Editorias das matérias jornalísticas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A editoria “Poder/Política” apresentou o maior número de publicações (10), sendo sete da Folha de S. Paulo e três na *Süddeutsche Zeitung*. Logo em seguida ficou a editoria “América”, dos jornais *People’s Daily*, *El Mundo*, *The New York Times*, *El Espectador* e *The Guardian*, com nove publicações.

Foram cinco matérias classificadas dentro da editoria de “Meio Ambiente”, publicadas na Folha de S. Paulo (2), *The Guardian* (2) e *El Espectador* (1). Elas têm o mesmo número da editoria de “Mercado”, em alguns jornais identificada também como editoria de “Economia”, publicadas em dois jornais brasileiros, a Folha de S. Paulo (3) e o Globo (2)

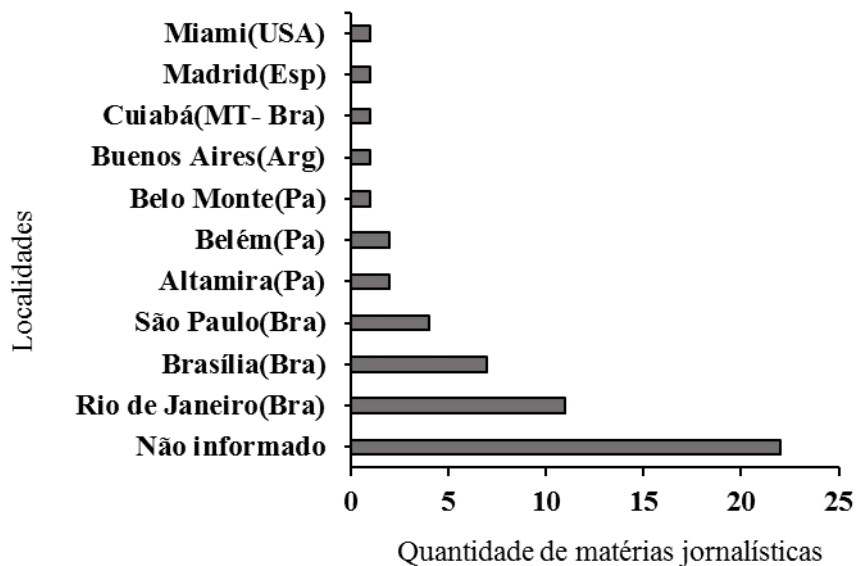
Para Seligman e Furtado (2011, p. 402 e 403), “as editorias de política e economia ganham ares de nobreza, pois são consideradas temas fundamentais de um jornal”. Os conteúdos não se destinam ao público popular e sim ao mais culto, com linguagem apropriada à classe A e B, conhecida como formadora de opiniões. “Orientados para a elite, estes jornais compensam a baixa penetração nas camadas populares com a grande capacidade de produzir agendas, formatar questões e influenciar percepções e comportamentos (...)” (AZEVEDO, 2006, p. 95).

Os dados ainda revelam que a luta dos povos indígenas contra a construção da UHE Belo Monte recebeu baixa visibilidade nas editorias voltadas às temáticas ambientais e sociais. Visto que a UHE Belo Monte envolve questões socioambientais, Teixeira (2014) reforça que, diferente da editoria de “Meio Ambiente”, as editorias de “economia, política, esporte e cultura já estão internalizadas na pauta da sociedade, e estão bem abastecidas de jornalistas para produzir informações sobre os respectivos temas. O meio ambiente não recebe a mesma importância e o mesmo tratamento dado às editorias supracitadas”.

Outro detalhe é que a cobertura feita pela imprensa sobre meio ambiente, de 1990 até a atualidade, não se caracteriza por matérias que mostrem as causas e consequências dos fenômenos (COSTA, 2008). Isto contribui para mais desinformar do que informar os cidadãos preocupados com a questão ambiental ou de políticas públicas relacionadas ao tema, principalmente na Amazônia (COSTA; CUNHA; SILVA, 2011).

Na Figura 4 apresentam-se os locais em que as matérias foram produzidas. Das 11 localidades identificadas, apenas três são internacionais.

Figura 4 – Locais de apuração das matérias jornalísticas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Das matérias que não informaram a localidade (22), 88% (19) são de veículos internacionais e 12% (3) de nacionais. Foi no Rio de Janeiro a localidade que registrou o maior índice de matérias produzidas (11), equivalente a 20%. Em seguida ficou Brasília, com 7 matérias (13%). Produziu-se uma matéria jornalística em Belo Monte, no Pará, pelo jornal *The Guardian* e duas em Altamira (PA), uma do *The New York Times* e outra da Folha de S. Paulo.

Seis jornais internacionais optaram por retratar do Brasil as matérias jornalísticas. *The Guardian*, com cinco matérias; seguido de *El País*, com quatro; *El Mundo*, três; *Le Monde*, duas; *El Espectador* e *The New York Times*, com uma cada. Apenas três matérias da Folha de S. Paulo não especificaram de qual parte do Brasil geraram o conteúdo.

Os jornais têm profissionais para noticiar os conflitos em torno da UHE Belo Monte, porém o fazem dos grandes centros urbanos. Tal comportamento pode gerar o distanciamento dos jornalistas de fontes como os povos indígenas, que se encontram longe das cidades, e a

aproximação de fontes empresariais e do governo, sediadas nas grandes metrópoles. Dalmolin e Silveira (2016, p. 2) dizem que os veículos de notícias estrangeiros possuem correspondentes no Brasil. No entanto, “estes profissionais, mesmo morando no país, escrevem sobre a Amazônia sem ir à Amazônia. Tais profissionais residem principalmente na região Sudeste do Brasil, onde a chamada ‘grande imprensa’ do país está sediada”. A Tabela 1 apresenta as fontes e a quantidade de vezes que foram escutadas nas matérias jornalísticas.

Tabela 1 – Fontes presentes nas matérias jornalísticas dos 15 jornais analisados. F.S.P – Folha de S. Paulo; S.Z - Süddeutsche Zeitung; T.N.Y.T – The New York Times; T.S.T – The Sunday Times.

Fontes	El Espectador	El Mundo	El País	El Tiempo	F.S.P	Jornal de Notícias	La Nacion	Le Figaro	Le Monde	O Globo	Pleople' s Daily	S.Z	The Guardian	T.N.Y. T	T.S.T	Total Geral
Povos Indígenas	2	5	2	1	9	0	0	1	3	0	1	3	8	2	0	37
Movimentos Sociais	3	6	6	0	6	0	1	0	3	0	0	0	7	4	0	36
Governo	3	3	4	0	3	0	0	0	2	1	1	2	5	3	0	27
Poder Judiciário	0	0	3	0	1	4	0	0	1	0	0	0	5	4	1	19
Norte Energia	0	0	4	0	0	0	0	0	2	2	0	1	3	1	0	13
Cientistas	0	2	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	6
Eletronorte/Eletróbrás	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	5
Celebridades Americanas	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	4
Funai	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	0	0	3
Ribeirinhos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	3
Segurança Pública	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	3
Imprensa Brasileira	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Ibama	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Total Individual	9	18	19	1	24	6	1	2	11	5	3	6	33	17	1	

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Nota: Governo*: Ministério de Minas e Energia, Ministério do Meio Ambiente, Agência Nacional de Telecomunicações(Anatel), Dilma e Lula; Movimentos Sociais**: Ong's, ativistas, sociedades civis organizadas, ambientalistas; Celebridades Americanas***: James Cameron e o cantor inglês Sting; Segurança Pública****: Polícia Rodoviária Federal, Polícia Federal; Cientistas*****: pesquisadores, professores, especialistas; Poder Judiciário*****: Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJE/Pa), Justiça Federal, Ministério Público Federal (MPF).

Os jornais optaram por 13 fontes diferentes, classificadas em cinco categorias: oficial, alguém em função ou cargo público que se pronuncie pelo órgão mantido pelo Estado; empresarial, representantes das indústrias, comércio, serviços ou agronegócio; institucional, de organização sem fins lucrativos ou grupo social; notável, destacam-se pela fama; e especializada, trata-se de pessoa com conhecimento específico (cientista, perito) (SCHMITZ, 2011).

Os dados mostram que os movimentos sociais (36), povos indígenas (35), o governo (27), o poder judiciário (19) e a Norte Energia (13), na respectiva ordem, foram as cinco fontes mais escutadas. Embora tenha um número maior da presença dos “Movimentos Sociais” e dos “povos indígenas”, todas enunciaram do mesmo lugar de fala. A começar pelo Governo, Poder Judiciário, Funai, Segurança Pública, Ibama, Norte Energia, Eletronorte/Eletrorbras e Imprensa Brasileira. Todos compactuaram nas matérias com o mesmo discurso a favor da construção da usina.

O jornal *The Guardian* e Folha de S. Paulo foram os que buscaram um número mais diversificado de personagens. Os jornais escutaram oito fontes. O Globo ouviu apenas fontes oficiais como o governo, a Norte Energia e a Fundação Nacional do Índio (Funai). Isso mostra que as fontes oficiais dominaram a produção da notícia em O Globo. Schmitz (2011) diz que as fontes oficiais são as preferidas da mídia, todavia, podem falsear informação para preservar os interesses e do grupo político.

Wolf (2003) enfatiza que quem dá o enquadramento a notícia é a fonte que fala na matéria jornalística. Ou seja, ao ouvir apenas fontes oficiais, o discurso jornalístico se torna apenas um único ponto de vista. Traquina (2001) ressalta que o jornalismo, por aceitar o que as fontes oficiais dizem, não altera o cenário que está sendo construído. Por seguindo, acaba-se por manter um mesmo ponto de vista.

O jornal do Reino Unido, *The Sunday Times*, e da Argentina, *La Nacion*, usaram uma única fonte, respectivamente, os “Movimentos Sociais” e o “Ministério Público Federal (MPF)”. O veículo que mais deu espaço nas matérias aos povos indígenas foi a Folha de S. Paulo, seguido do *The Guardian*.

Porém, esse espaço da Folha de S. Paulo é questionável, pois ocorreu de forma indireta e conseqüentemente silenciosa. Notou-se que o jornalista fala no lugar do indígena. Ou seja, a Folha reproduziu opiniões e expôs informações ditas pelos povos indígenas a partir de leituras de documentos, relatórios ou falas indiretas. Já o *The Guardian* ouviu esses povos e os colocou nas matérias exatamente a fala deles entre as aspas. O jornalismo da Folha de S.

Paulo usou pelo menos cinco tipos de documentos para expressar a fala dos povos indígenas e em quatro matérias omitiu as opiniões desses povos das discussões.

Nas 13 matérias da Folha de S. Paulo, dois indígenas foram entrevistados mais de uma vez e tiveram suas falas reproduzidas em quatro matérias. No *The Guardian*, das seis matérias, seis personagens indígenas diferentes foram entrevistados, com as respectivas falas distribuídas entre diversos parágrafos do texto.

A falta de protagonismo dos povos indígenas revela-se como uma forma de violência física, verbal e submissão (ORLANDI, 1990). “Ao excluir-se os povos indígenas como fonte de informação, concede-se ao não índio e às instituições o poder de criar e dar sentido à construção discursiva (...) O que não é silenciado sobre o assunto é falado a partir das representações política, social e econômica do não índio” (FIGUEIREDO; MOURA, 2013, p. 79).

Na notícia publicada na Folha de S. Paulo em 4/11/2010, Figura 5 observa-se a forma como a fala dos povos indígenas é expressa.

Figura 5 – Imagem de notícia jornalística sobre os povos indígenas na Folha de S. Paulo.

mercado

Índios preparam invasão de área da usina de Belo Monte

AGNALDO BRITO
Enviado especial a Altamira (PA)

19/04/2010 @ 09h13

f Compartilhar < 22 OUVIR O TEXTO Mais opções

Os índios da bacia do médio Xingu preparam a ocupação do Sítio Pimental, uma ilha localizada a 40 quilômetros de Altamira (Pará) onde será construída a barragem principal e a casa de força auxiliar da usina hidrelétrica de Belo Monte.

Segundo a Folha apurou, a ação está sendo articulada para ocorrer ainda nesta semana, provavelmente amanhã (20), dia do leilão da obra. Nestes dias é comemorada a Semana do Índio. Hoje, 19 de abril, é o Dia do Índio. Entidades ambientalistas apoiam o ato, pois consideram a ação uma forma de resistência pacífica ao empreendimento.

[Enquete: você é a favor da construção?](#)
[Usina testa projeto energético de Lula](#)
[Usina pode ser novo marco da Amazônia, relata repórter](#)
[Construção de usina divide opinião de moradores](#)

O leilão será realizado pela Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) em Brasília. Dois consórcios estão na disputa, o primeiro formado por Vale, Votorantim, Neoenergia, Andrade Gutierrez e as estatais Furnas e Eletrosul, e o segundo com Queiroz Galvão, Gaia (uma subsidiária do Grupo Bertin), a estatal Chesf e mais seis empresas.

A decisão indígena de levar adiante esse ato desafiador contra o governo brasileiro foi tomada em reunião reservada realizada por lideranças de várias etnias em encontro na Terra Indígena Arara da Volta Grande do Xingu, na semana passada, durante a visita da comitiva do cineasta James Cameron. Os "brancos" não participaram da reunião.

SALDÃO DE INVERNO
SELEÇÃO IMPERDÍVEL
COM ATÉ 50% OFF
Livraria da Folha

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2010/04/722632-indios-preparam-invasao-de-area-da-usina-de-belo-monte.shtml>

O termo grifado “invasão” no título faz referência ao ato indígena de ocupar uma das áreas da construção da UHE Belo Monte. De acordo com **Guimarães (2018)**, usar o termo “invasão” é manipular e inverter os papéis de quem de fato é o invasor. Segundo esse autor (2018, p.61), deve-se “lembrar das caravelas e dizer que esse é um conceito elaborado e implementado no contexto das invasões e conquistas territoriais europeias nas Américas. Esse conceito continua sendo manipulado através de representações indígenas”.

Identificá-los como responsáveis por um ato de invasão é uma das formas de representar o “índio como sendo o transtorno, o baderneiro, a sujeira, o estranho e o impuro da cidade. É aquele que sempre traz algum tipo de desordem, dúvida e incerteza aos que dominam e controlam o poder” (VIEIRA, 2015, p. 175).

Com a frase “Segundo a Folha apurou” não se identifica com quem realizou-se a apuração e de onde vieram as informações quanto as decisões dos povos indígenas. Não se cita a fala direta de nenhum indígena na matéria. Quanto a isso, Spivak (2010) diz que o discurso permanece na tática de neutralizar o outro, tornando-o subalterno – invisibilizado, tirando-lhe o direito de se autorepresentar, relegando-o ao silêncio.

No trecho “A decisão indígena (...) foi tomada em reunião” exemplifica outra maneira de passar uma informação da fonte indígena. Entretanto, sem ouvi-la diretamente.

Para identificar nas matérias a forma como os jornalistas apresentaram os impactos e os benefícios da UHE Belo Monte, elaborou-se as Tabelas 2 e 3, que mostram os “Aspectos Positivos e Negativos” referentes a construção da Usina citados nos conteúdos. As matérias apontaram para 17 pontos negativos e sete positivos (Ver páginas 17 e 18).

No montante de matérias analisadas, “Geração de Energia” e “Construção de Hospital, Casas e Escolas” foram os pontos positivos mais apontados. *El País* e *El Mundo* foram os dois jornais que mais destacaram os benefícios da UHE Belo Monte. Tanto a Folha de S. Paulo quanto o *The Guardian*, destacaram, respectivamente, duas e três vezes os pontos positivos da Usina.

Quanto aos aspectos negativos, o maior número apontado foi “Deslocamento populacional” (18), “Inundações” (17) e “Desaparecimento de espécies dos rios” (8). *El Mundo* frisou por 18 vezes aspectos negativos diferentes e já citados, reiterando-os no texto. Em seguida o *The Guardian* (18), *El Espectador* (16), *El País* (11) enfatizara pontos negativos. A Folha de S. Paulo com apresentou sete problemáticas advindas da construção da hidrelétrica no Xingu, por vezes, referindo-se como “Impacto Social” ou “Impacto

Ambiental”. Essas duas categorias negativas pontuadas pela Folha não deixam claro quais impactos seriam causados pela hidrelétrica. Conseqüentemente, as problemáticas acabam por tornar-se generalistas e sem foco em cima do problema, limitando-o nas possíveis discussões sobre o assunto. O Globo citou apenas um ponto negativo, o “deslocamento populacional”.

Os jornais *El Tiempo*, *La Nacion* e Jornal de Notícias não informaram nenhum ponto positivo e negativo sobre a UHE Belo Monte. O Globo e *People's Daily* não pontuaram nenhum quesito positivo. “Ausência de saneamento”, “Elevação da Temperatura”, “Desemprego” e “Mudanças no Xingu” foram únicos pontos negativos destacados pelo *El Mundo*, *El País*, Folha de S. Paulo e *Le Figaro*. No entanto, observa-se que o tema foi tratado superficialmente, indicativo da baixa procura por fontes especializadas que pudessem detalhar melhor o assunto e a ausência de repórteres em Belo Monte, para produzirem reportagens mais amplas e detalhadas sobre o tema, ao invés de breves notícias. O que gerou conteúdo superficial sobre os aspectos negativos do tema.

Tabela 2 – Aspectos positivos da UHE Belo Monte apresentados nos jornais analisados

Aspectos Positivos	El Espectador	El Mundo	El País	Folha de S. Paulo	Le Figaro	Le Monde	Süddeutsche Zeitung	The Guardian	The New York Times	The Sunday Times	Total Geral
Geração de Energia	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	11
Construção Hospital/ Casas/ Escola	0	0	5	0	0	1	0	0	1	0	7
Projeto Energético do Brasil	1	1	0	0	0	0	0	2	0	0	4
Emprego	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	3
Qualidade de Vida	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	3
Energia Barata	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Preservação de Áreas Indígenas	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total Individual	3	7	6	2	1	3	1	3	3	1	

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

(Nota: Construção*: casas, hospital, escolas).

Tabela 3 – Aspectos negativos da UHE Belo Monte apresentados nos jornais analisados.

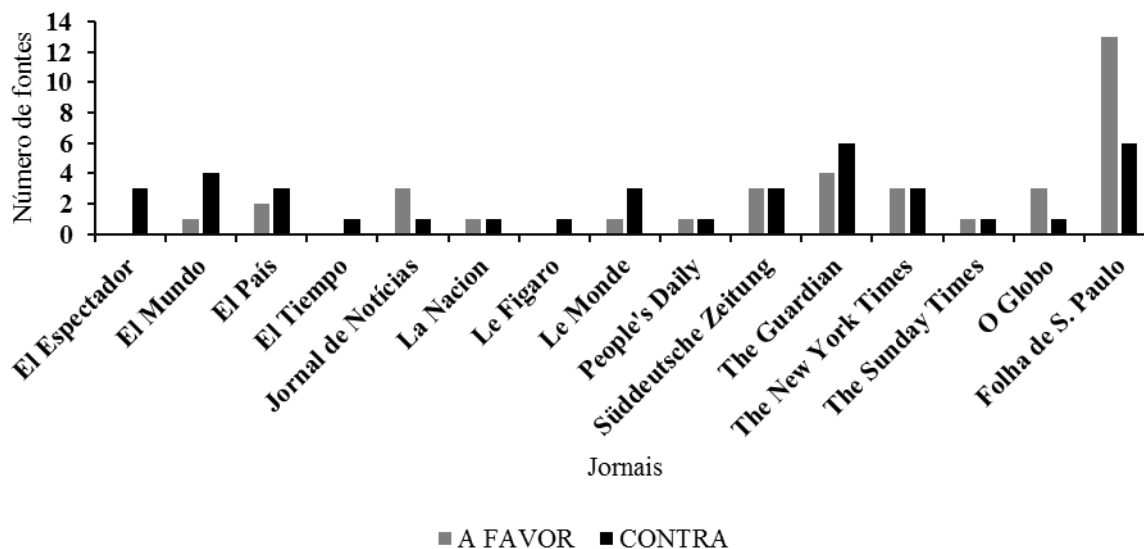
Aspectos Negativos	El Espectador	El Mundo	El País	Folha de S. Paulo	Le Figaro	Le Monde	O Globo	Pleople's Daily	Süddeutsche Zeitung	The Guardian	The New York Times	The Sunday Times	Total Geral
Deslocamento*	4	4	2	0	0	2	1	0	0	3	1	1	18
Inundações	4	3	4	2	0	1	0	1	2	0	0	0	17
Desaparecimento de Espécies dos Rios	0	1	0	2	0	0	0	0	1	2	2	0	8
Desmatamento	0	1	1	1	1	0	0	0	0	2	0	0	6
Falta de Diálogo	3	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	6
Impactos Ambientais**	2	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	6
Assassinatos/ Violência	0	3	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	5
Impactos Sociais***	0	2	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	5
Doenças	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	3
Inchaço Populacional	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	3
Abusos Trabalhistas	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Costumes Sagrados	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Transtornos Psicológicos	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2
Ausência De Saneamento	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Desemprego	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Elevação Da Temperatura	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Mudança no Xingu	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Total Individual	16	18	12	8	1	4	1	1	4	17	3	1	

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

(Nota: Deslocamento se trata das pessoas que foram remanejadas das residências devido as inundações/ Impactos Ambientais** e Impactos Sociais*** tratam-se dos problemas ambientais e sociais advindos da HE Belo Monte, mas sem especificá-los. Estas duas categorias tratam de forma genérica dos problemas).

A Figura 6 apresenta o posicionamento das fontes quanto a viabilidade da UHE Belo Monte frente aos protestos dos povos indígenas.

Figura 6 – Posicionamento das fontes quanto a luta dos povos indígenas a respeito da UHE Belo Monte.



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Em 54% das fontes dos jornais prevaleceram opiniões “A Favor” da construção de Belo Monte e em 56% “Contra”. O jornal que mais publicou matérias, Folha de S. Paulo, teve 69% dos conteúdos com fontes “A favor” e 31% “contra”. O Globo apresentou 25% “Contra” e 75% das opiniões “A Favor”.

Os dois jornais que apresentaram um balanceamento de opiniões de fontes foi o *Süddeutsche Zeitung* e o *The New York Times*. Os veículos *El Espectador*, *El Tiempo* e *Le Figaro* se mostraram totalmente “Contra” a hidrelétrica. Não houve nenhum registro de jornal que tenha reproduzido somente fontes “A Favor”.

Loose e Carvalho (2015) reforçam que não há opiniões imparciais/ isentas no jornalismo, pois “as produções jornalísticas primam pela busca da objetividade e imparcialidade. Contudo, sabemos que não se consegue atingir estes objetivos em plenitude, considerando que precisa fazer escolhas com relação à escrita” (BISOL, 2018, p. 99). O resultado disso é que a partir da influência do conteúdo jornalístico, desencadeiam-se mudanças de comportamento e atitudes em seus leitores

O papel do jornalista ainda é o de exercer o espírito crítico. Ruellan (2006, p. 31) reforça que o jornalismo “joga com três tipos de atores: os pares, as fontes e os públicos. Cada uma dessas instâncias obedece à sua lógica, mas é a relação entre as três que contribui para a construção do discurso midiático sobre a atualidade”.

Em uma pesquisa realizada a respeito da percepção dos leitores quanto a finalidade do jornalismo, Reginato e Benetti (2017, p. 1) constataram que 75% do público acredita que as notícias devem: “fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; informar; esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade; e verificar a veracidade das informações”.

Considerações Finais

Constatou-se que os jornais mais influentes do mundo possuem uma visão ultrapassada e distorcida dos povos indígenas, a começar pela forma como são identificados como “índios”, “tribos”, denominações dadas no período da colonização e que se propagam até os dias atuais.

É notável que a imprensa nacional optou por invisibilizar os povos indígenas. Eles não são questionados. Em alguns casos, nem com o nome ou sobrenome os personagens são identificados. Embora tenham sido, indiretamente os mais citados, diretamente são os que menos conseguiram ter suas vozes na íntegra expostas. As fontes empresariais e oficiais ainda são tidas como detentoras da informação mais íntegra, e aparecem mais vezes.

Embora os jornais nacionais – Folha de S. Paulo e O Globo – sejam os de maior circulação no Brasil e estejam mais próximos à UHE Belo Monte em relação aos outros países, isso não fez com que estivessem mais presentes em Belo Monte, com reportagens e matérias mais amplas. E, apesar de a maioria das matérias internacionais terem sido produzidas no Brasil, isso não garantiu que os jornalistas, estivessem no local dos fatos.

A pesquisa também nos leva a refletir que a luta dos povos indígenas contra a UHE Belo Monte foi vista pelos jornais pelo viés político e econômico, reflexo de como a região amazônica é observada tanto fora quanto dentro do próprio país. Embora os impactos da UHE Belo Monte afetem diretamente as populações indígenas, a natureza e o que está ao redor, são inexpressivos dentro da editoria de Meio Ambiente.

É o poder de mobilização desses povos, que criam movimentos sociais, que debatem os problemas, que vão ao parlamento, que cobram do poder público e que buscam ser notados por meio de ocupações em canteiros de obras. Caso contrário, a história da UHE Belo Monte com os povos indígenas seria apenas uma vaga reprise do que ocorreu 1.500 anos atrás: coadjuvantes dentro do próprio território.

Referências

AGUIAR, Pedro. Agências de Notícias, Estado e Desenvolvimento: modelos adotados nos países BRICS. **Brazilian Journalism Research**, v. 12, n. 1, p. 34-59, 2016.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio: apresentando Spivak. **In: SPIVAK, G. C. Pode o Subalterno Falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marco Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.1-23, 2010.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na História: abordagens interdisciplinares. (Apresentação). **Revista Tempo**, nº 23, Rio de Janeiro: UFF, julho, 2007.

ALONSO, Sara. Belo Monte e a questão indígena. **Novos Cadernos NAEA**, v. 18, n. 2, p. 275-280, 2015.

ASSIS, Francisco. O jornalismo além do lead: rotinas produtivas, anuências e condições para uma prática diferenciada. **Revista Comunicação Midiática**, v. 13, n. 3, p. 40-54. 2017. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/comunicacaomidiatica/article/view/815/430>>. Acesso em: 4 set. 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). **Maiores jornais do Brasil**. 2011.

AZEVEDO, Fernando Azevedo. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, v. 12, n. 1, p.88-113, 2006.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; RODRIGUES, Adriano; LOPES, Rafael. Estereótipos e amorosidade na aventura de Tainá: abordagem ecossistêmica comunicacional e a representação do indígena amazônico. **Rizoma**, v. 4, n. 1, p. 153-165, 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/6697/5018>>. Acesso em 20 ago. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. S. Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, Luiz. Avaliação do Rendimento na Divulgação Governamental. **Revista do Serviço Público**, n. 2, p. 177-190, 2017.

BENATTI, José Héder. Internacionalização da Amazônia e a questão ambiental: o direito das populações tradicionais e indígenas à terra. **Revista Amazônia Legal de estudos socio-jurídico-ambientais, Cuiabá**, v. 1, n. 1, p. 23-39, 2007.

BERMANN, Célio. O projeto da Usina Hidrelétrica Belo Monte: a autocracia energética como paradigma. **Novos Cadernos NAEA**, v. 15, n. 1, p. 5-23, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/895/1343>>. Acesso em: 10 maio 2018.

BISOL, L. V. A voz narrativa no livro-reportagem ‘O jornalista e o assassino’. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 15, n. 1, p. 98-106, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2018v15n1p98/37298>>. Acesso em: 13 set. 2018.

BRASIL, **Dilma inaugura usina hidrelétrica de Belo Monte**, 2016 – Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2016/05/dilma-inaugura-usina-hidreletrica-de-belo-monte>>. Acesso em: 28 abr de 2018.

BRASIL, República Federativa. **Diário da Câmara dos Deputados**. Brasília. Congresso, 2005.

BRASIL. Ministério De Minas E Energia. **Plano Nacional de Energia Elétrica 1987 / 2010**. Plano 2010. Relatório Executivo. Rio de Janeiro, 1987. 100p. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/anexo/and96652-88.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2018.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

COELHO, P.; SILVA, M. T. da. O lucro social e financeiro do jornalismo de investigação. **Media & Jornalismo**, v. 18, n. 32, p. 73-94, 2018.

COLLET, C.; PALADINO, M.; RUSSO, K. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas**. Ed. 3, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2014.

COSTA, L. **As Mudanças Climáticas na pauta da mídia impressa brasileira: informação e desinformação na construção de políticas públicas para a Amazônia.** Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq, 2008.

COSTA, L.; CUNHA, K.; SILVA, K. A utilização das fontes na construção da notícia: uma análise do discurso das revistas veja e carta capital na construção da notícia. **Revista Movendo Ideias**, v. 16, n. 2, p. 18-26, 2011.

DALMOLIN, A. R.; SILVEIRA, A. C. M. Um abismo vigiado: segurança e soberania no discurso jornalístico televisual sobre fronteiras na Amazônia. **Revista Internacional de Ciências Sociais**, v. 5, n. 1, p. 29-41, 2016. Disponível em: <<http://journals.epistemopolis.org/index.php/csociales/article/view/368/27>>. Acesso em 11 jun. 2018.

DOURADO, M.; NÓBREGA, C.; BORTOLOTTI, F.; ALENCAR, A.; MOUTINHO, P. A gestão ambiental e territorial de Terras Indígenas da Amazônia brasileira: uma questão climática. **Journal for Brazilian Studies**, v. 5, n. 1, p. 230-253, 2017. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/bras/article/view/23031/22141>>. Acesso em 20 ago. 2018.

FAINGUELERNT, M. B. A trajetória histórica do processo de licenciamento ambiental da usina hidrelétrica de Belo Monte. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, n. 2, p. 247-266, 2016.

FEARNSIDE, P. M. **Hidrelétricas na Amazônia: impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre grandes obras.** Manaus: Editora do INPA, v. 1, p. 296, 2015.

FEARNSIDE, P. M. M. Belo monte: atores e argumentos na luta sobre a barragem amazônica mais controversa do brasil. **Revista Nera**, n. 42, p. 162-185, 2018.

FIGUEIREDO, V.; MOURA, D. O. Silenciamento e ausências: a saúde dos povos indígenas na mídia impressa brasileira. **Comunicologia-Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 6, n. 2, p. 69-90, 2013.

FLEURY, L. C.; ALMEIDA, J. A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento. **Ambiente & Sociedade**, v. 16, n. 4, p. 141-158, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/317/31729904009.pdf>>. Acesso em 12 fev. 2018.

FRANCO, F. C. O.; FEITOSA, M. L. P. A. M. Desenvolvimento e direitos humanos. Marcas inconstitucionais no processo Belo Monte. **Revista Direito IGV**, v. 0, n. 1, p. 93-114, 2013.

GUIMARÃES, F. A. M. A temática indígena na escola: onde está o espelho? **Revista Fórum Identidades**, v. 3, p. 57 – 65. 2008. Acesso em 4 set. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/viewFile/1744/1535>>. Acesso em 17 ago. 2018.

IBGE. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**. primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf>. Acesso em: 28 out. 2013.

LEITE, R. L.; FARIAS, O. M. de. Estratégias enunciativas na produção do efeito de imparcialidade em notícias jornalísticas. **Galáxia**, n. 34, p. 175-185, 2017.

LIMA, M. E. O.; FARO, A.; SANTOS, M. R. dos. **A desumanização presente nos estereótipos de índios e ciganos**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32, n. 1, p. 219-228 2016.

LIMA, R. L. A.; GADELHA, D. Colonialismo: recorrências e dispersões no discurso do audiovisual amazônico. **Logos**, v. 1, n. 22, p. 71-88, 2015.

LOOSE, E. B.; CARVALHO, A. Qué opinan los periodistas acerca de su papel en la lucha contra el cambio climático: las percepciones de la Gazeta do Povo profesionales en Parana, Brasil. **Razón y Palabra**, v. 19, p. 33-57, 2015. Disponível em: <<http://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/74>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

LOUREIRO, J. J. P. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. In: LOUREIRO, J. J. P. (Org.) **Obras Reunidas**. S. Paulo: Escrituras, 2002.

MACHADO, M. M. **A trajetória da destruição: índios e terras no Império do Brasil**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, apresentada na UFF. Niteroi, 2006.

MARQUES DE MELO, J. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de S. Paulo, p. 23-41, 2010.

MARQUES, M. **As mudanças nas rotinas de produção das agências de notícias com a consolidação da internet no Brasil**. 2005. 143 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

NUNES, P. H. F. internacionalização da Amazônia: agentes e perspectivas. **TEXTOS&DEBATES**. v.1., n.27, p. 161-176. 2015. Disponível em: <<https://revista.ufrir.br/textosedebates/article/view/2845/1639>>. Acesso em 2 set. 2018.

OLIVEIRA, L.; MARQUES, Â. S. A imagem de organizações públicas e o sentido de público no discurso de charges sobre Belo Monte. **Líbero**, n. 29, p. 59-70, 2012.

OLIVEIRA, N. Pinguelli defende necessidade de Belo Monte. **REDE BRASIL ATUAL**, 2010. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/ambiente/2010/04/pinguelli-defende-necessidade-de-belo-monte>>. Acesso em: 9 set. 2018.

ORLANDI, E. P. **Terra à Vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo**, 2 ed. Campinas: Unicamp, 2008.

PINTO, L. F. A. **Amazônia em Questão: Belo Monte, Vale e outros temas**. S. Paulo: B4 Editores, 2012. 307 p.

REGINATO, G. D.; BENETTI, M. As finalidades do jornalismo para os leitores: estudo da audiência dos jornais Folha, Globo e Estadão. In: Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Encontro Anual (COMPÓS), 26., 2017, S. Paulo. **Anais eletrônicos...S**. Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166210/001047289.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 3 out. 2018.

RICARDO, C. A. Passados 500 anos, sequer sabemos seus nomes. In: GRUPIONI, L.D.B; VIDAL, L.B; FISCHMANN, R. (Org.). **Povos Indígenas e Tolerância construindo práticas de respeito e solidariedade**. S. Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo, 2001.cap.1, p.63-79.

RICARDO, F.; GOMES, S.; HARARI, I.; LUCCA, L. L.; SENLLE, M.; SPINDEL, M.; MARINHO, R. P.; FUTADA, S.; KLEIN, T.; SANTOS, T. M. **Impactos da PEC 215/2000 sobre os Povos Indígenas, Populações Tradicionais e o Meio Ambiente**. Instituto Socioambiental, 2015. Disponível em:

<https://www.socioambiental.org/sites/blog.socioambiental.org/files/nsa/arquivos/isa_relatoriopec215-set2015.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

RUELLAN, D. Corte e costura do jornalismo. **LÍBERO**, n. 18, p. 31-40, 2016. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/704/672>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

SANTOS, T, Santos, L, ALBUQUERQUE, R, CORRÊA, E. Belo Monte: Impactos sociais, ambientais, econômicos e políticos. **Tendências**, v. 13, n. 2, p. 214-227, 2012.

SCHMITZ, A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHWARTZMAN, S. B. A. V.; ONO, K. Y.; FONSECA, M. G.; DOBLAS, J.; ZIMMERMAN, B.; JUNQUEIRA, P.; JEROZOLIMSKI, A.; SALAZAR, M.; JUNQUEIRA, R. P.; TORRES, M. The natural and social history of the indigenous lands and protected areas corridor of the Xingu River basin. **Phil. Trans. R. Soc. B**, v. 368, n. 1619, p. 20120164, 2013. Acesso em 20 ago. 2018. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/bras/article/view/23031/22141>>.

SELIGMAN, L.; FURTADO, M. L. S. Interação online: o jornalismo que provoca a reação dos leitores na web. **Estudos em Comunicação**, v. 9, p. 391-409, 2011. Disponível em: <<http://ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011Mai-21.pdf>>. Acesso em 9 set. 2018.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O uso da Análise de Conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

SPINILLO, A. G.; SILVA, A. P. “O que é história, carta e notícia de jornal?” A definição de textos por crianças. **Psicologia USP**, v. 25, n. 2, p. 176-184. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n2/0103-6564-pusp-25-02-0180.pdf>>. Acesso em 4 set. 2018.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Feitosa. Belo horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 23-98.

STARKMAN, D. **The Watchdog that didn't bark, the financial crises and the disappearance of investigative journalism**. New York: Columbia University Press, 2014.

STROPPER, M. T. D. **Inflexão Das Ongs Ambientalistas Após 1990: Um estudo sobre a atuação das ONGs no caso da Usina Hidrelétrica de Belo Monte**. 2014. 211 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS, 2014.

SUDATTI, A. B. Direitos humanos e luta por justiça ambiental: o caso de Belo Monte. **Cadernos de Direito**, v. 14, n. 26, p. 147-166, 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/cd/article/view/201>> Acesso em 21 ago. 2018.

TAVARES, J. A. formação como construção do conhecimento científico e pedagógico. **Percursos de formação e desenvolvimento profissional**. Porto: Porto Editora, p. 59-73, 1997.

TEIXEIRA, T. G. Jornalismo ambiental: o desafio da construção da notícia soft news. **Vozes e Diálogo**, v. 13, n. 02, p. 73-85, 2014. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/6421/3888>>. Acesso em 9 set 2018.

TRAQUINA, N. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo. Unisinos, 2001

VIEIRA, C. M. N. O que dizem as crianças não indígenas sobre as populações indígenas: um estudo a partir de desenhos infantis. **Tellus**, n. 28, p. 167-176, 2015. Disponível em: <<http://tellus.ucdb.br/projetos/tellus/index.php/tellus/article/view/359/340>>. Acesso em 10 jun. 2018.

WOLF, M. Teorias das comunicações de massa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZAGO, G. da S.; BASTOS, M. T. Visibilidade de Notícias no Twitter e no Facebook: Análise Comparativa das Notícias mais repercutidas na Europa e nas Américas. **Brazilian Journalism Research (Online)**, v. 9, p. 116- 133, 2013.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

Acredita-se que a cobertura jornalística, desde a autorização no Congresso Nacional Brasileiro, em 2005, até um ano após a inauguração da UHE Belo Monte, possibilitou mostrar o que de fato desperta o interesse na imprensa nacional e internacional dentro de um tema diretamente relacionado a Amazônia e aos impactos socioambientais causadas à região pela construção da UHE Belo Monte.

Os veículos, principalmente os estrangeiros, acompanharam o andamento da construção da Usina na justiça, com a liberação de licenciamentos, por vezes, questionáveis. A imprensa estrangeira mostrou exercer o papel de fiscalizador.

Notou-se ainda que a cobertura nacional e internacional contemplou 23 dos 24 países pesquisados. O único que não publicou nenhuma informação nos *sites* jornalísticos pesquisados foi à Coreia do Sul.

O continente Asiático, que na pesquisa foi representado pela China, Índia e Coreia do Sul, foi o que menos produziu conteúdo jornalístico. Se não fossem os *sites* brasileiros, Folha de S. Paulo e o Globo, para tornar elevado o volume de notícias/reportagens no continente Americano, apenas as produções dos *sites* da Espanha (El Mundo e El País) e Reino Unido (The Guardian) seriam suficientes para superar a somatória do conteúdo produzido pelos seis jornais mais influentes de três países do continente americano, sendo eles Estados Unidos, Argentina e Colômbia.

Espanha, França e Reino Unido se mostraram atuantes na divulgação sobre Belo Monte. Nestes países estão os maiores jornais europeus, Le Monde, El País e The Guardian. Eles também são jornais que mais possibilitaram lugar de fala aos povos indígenas atingidos pela hidrelétrica, assim como reportagens sobre o assunto na própria região.

Embora as ferramentas jornalísticas evoluam com o tempo e o jornalismo praticado na *web* exija uma rotina mais acelerada de produção, isso não deve isentar os profissionais, tanto brasileiros quanto estrangeiros, de continuarem na prática da boa apuração jornalística, que possibilite mais que um conteúdo factual, em frente à tela do computador, com entrevistas em geral, por telefone. Para a Amazônia, exige-se a prática de um jornalismo que extrapole o convencional.

ANEXOS

NORMAS DA REVISTA E- COMPÓS

O artigo apresentado deve seguir as normas mais recentes da ABNT. O texto deve ser digitado em processador de texto Word, página em formato A4, margens (esquerda e superior 3 cm, direita e inferior 2 cm), fonte Times New Roman, justificado, tamanho 12, espaçamento 1,5 e primeira linha do parágrafo a 1,25 cm.

Todas as páginas do original devem estar numeradas sequencialmente.

O texto deve contar, ainda, com o mínimo de 30.000 e o máximo de 55.000 caracteres, considerados os espaços em branco e excluídos o resumo, as referências bibliográficas e as notas de esclarecimento.

O título do artigo deve ter no máximo 15 palavras.

Título do artigo em português:

Fonte Times New Roman 14, em negrito, alinhado à esquerda, sem ponto final.

Agradecimentos:

São opcionais e devem ser mencionados como nota de rodapé vinculada ao título e sem quaisquer referências, diretas ou indiretas, à autoria.

Titulação/Filiação:

Não devem ser incluídas no manuscrito de submissão e sim por meio dos metadados do processo de submissão. Até 200 caracteres por autor.

Resumo:

Em Times New Roman, negrito, corpo 12, espaço simples alinhado à esquerda. O resumo deve conter entre 500 a 700 caracteres (com espaços); explicitar, em caráter informativo e sem enumeração de tópicos, os seguintes itens: tema geral e problema da pesquisa; objetivos e/ou hipóteses; metodologia utilizada, destacando o objeto de estudo; principais resultados e conclusões. Recomenda-se o uso de parágrafo único. Devem-se evitar: neologismos, citações bibliográficas, símbolos e contrações que não sejam de uso corrente, bem como fórmulas, equações, diagramas etc. que não sejam absolutamente necessários.

Palavras-chave:

Três palavras separadas por ponto e iniciando com letra maiúscula. Fonte Times New Roman 12, espaço simples, alinhado à esquerda.

Introdução e entretítulos:
Sem numeração, Times New Roman em negrito e corpo 12, espaço 1,5, alinhado à esquerda.

Siglas:

Use a forma completa do nome de todas as organizações e entidades normalmente conhecidas por suas siglas na primeira ocorrência e, subsequentemente, basta usar a sigla, por exemplo, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Palavras grifadas:

Termos estrangeiros e títulos de livros, jornais, revistas, filmes, programas de televisão, etc., devem ser marcados em itálico.

Números:

Números de um a dez devem ser escritos por extenso.

Citações:

Cada referência textual deve corresponder a uma referência completa na lista de referências ao final do corpo do texto. Confira antes de encaminhar o artigo se todas as citações estão presentes nas referências finais.

As citações, no corpo do texto, devem ser feitas em língua portuguesa. No caso de citações em outras línguas, o autor deve traduzir e indicar (Tradução nossa). A citação no idioma original deve ser inserida como nota de rodapé com a indicação (No original).

Exemplos de citações:

- Indireta no corpo do texto, um autor (SOBRENOME, ano)
- Indireta no corpo do texto, autores e obras distintas (SOBRENOME, ano; SOBRENOME, ano).
- Indireta no corpo do texto, dois autores de uma obra (SOBRENOME; SOBRENOME, ano).
- Direta até três linhas “A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)” (SOBRENOME, ano, p. 00).
- Direta até três linhas com grifo do autor ou grifo nosso “A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)” (SOBRENOME, ano, p. 00, grifo nosso).
- Ao omitir parte de citação direta “[...] é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores [...] do exterior” (SOBRENOME, ano, p. 00).

- Direta destacadas do corpo do texto (mais de três linhas)

Utilize fonte Times New Roman 10, espaço simples, justificado, com recuo de parágrafo à esquerda de 4 cm. A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior (SOBRENOME, ano, p. 00).

Ilustrações, tabelas e quadros:

Devem ter um número em algarismo arábico, sequencial, inscritos na parte superior, precedida da palavra Tabela/Quadro/Figura. Colocar um título por extenso, inscrito no topo da tabela/quadro/figura, para indicar a natureza e abrangência do seu conteúdo. A fonte deve ser colocada imediatamente abaixo da tabela/quadro/figura para indicar a autoridade dos dados e/ou informações da tabela, precedida da palavra Fonte.

Além de inseridos no texto, tabelas/quadros/figuras devem ser encaminhadas como documentos suplementares pelo sistema de submissão da revista em formato JPG com resolução de 150 dpi.

Referências:

Times New Roman, negrito 12, espaço 1,5, alinhado à esquerda, sem numeração. Em livros com título e subtítulo, utilize negrito apenas no título. As referências devem ser apresentadas em ordem alfabética, seguindo a normalização da NBR 6023 (ABNT), que deverá ser consultada para outros tipos de documentos não exemplificados.

Exemplos de referências:

Livros com 1 autor

AUTOR. Título. Edição. Local: Editora, ano.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Diferentes livros de um mesmo autor, a partir da segunda referência o nome deve ser substituído por um traço correspondente a 6 espaços.

GOMBRICH, E.H. Art and illusion: a study in the psychology of pictorial representation. New York: Princeton University Press, 1959.

_____. Image and word in 20th century art". Word and image. New York: Princeton University Press, 1985.

Livros com 2 autores

AUTORES separados por ponto e vírgula. Título. Edição. Local: Editora, ano.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. 28.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Livros com 3 autores

Nomes dos três autores, separados por ponto e vírgula. Título. Local: Editora, ano.

CUTLIP, Scott M.; CENTER, Allen H.; BROOM, Glen M. Effective Public Relations. 6. ed. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1985.

Livros com mais de 3 autores

Apenas o nome do primeiro autor, seguido da expressão et al. Título. Local: Editora, ano.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1990.

Livros com organizadores, coordenadores

ORGANIZADOR ou COORDENADOR (Org.) Título. Local: Editora, ano.

MELO, José Marques de (Org.). Comunicação comparada: Brasil/Espanha. S. Paulo: Loyola, 1990.

Partes de livros com autoria própria

AUTOR da parte referenciada. Título da parte referenciada. Referência da publicação no todo precedida de In: Localização da parte referenciada.

ESTEINOU MADRID, Javier. As tecnologias de comunicação e a transformação do estado capitalista. In: FADUL, Ana Maria (Org.). Novas tecnologias em comunicação. S. Paulo: Summus, INTERCOM, 1986. 250 p. 123-126.

Trabalhos de eventos

AUTOR. Título do trabalho de evento: subtítulo do trabalho de evento (se houver). Referência da publicação no todo precedida de In: localização da parte referenciada. Paginação da parte referenciada, ano.

FRANCO, Antônio. A imprensa e a Europa 92. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE JORNALISMO, 2., 1989, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: IBM do Brasil, p.10-35, 1990.

Artigos de revistas/periódicos

AUTOR do artigo. Título do artigo. Título da revista, local, v., n., páginas, mês, ano.

KARAM, Francisco. O presente possível do jornalismo. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 75-81, 2005.

Documentos eletrônicos online

AUTOR. Título. data. Disponível em: Acesso: em dd/mm/aaaa.

ALVES, Castro. Navio negreiro: Virtua Books, 2000. Disponível em: <http://www.navionegreiro.org.br> Acesso em: 10 jan. 2002.

Artigos de jornais

AUTOR do artigo. Título do artigo. Título do jornal, local, data (dia, mês e ano). Caderno.

CAMPOS, Rogério de. Exposição traz ao Brasil de J. Carlos. Folha de S. Paulo, S. Paulo, 10 abr. 1991. Ilustrada, p.1.

Imagem em movimento

TÍTULO. Subtítulo. Direção/Realização: Produtora: País, ano. Suporte em unidades físicas (duração em minutos), som, cor. Largura em milímetros. Título original. Legenda.

BLADE Runner. Direção: Ridley Scott. Produtora: Warner Brothers. Estados Unidos, 1991. 1 DVD (117 min).

Programas de rádio e televisão

TÍTULO. Apresentador. Local: Emissora, data (dia, mês e ano), horário. Duração. Entrevistado.

CARA a Cara. Apresentado por Marília Gabriela. S. Paulo: Rede Bandeirantes de Televisão, 21 abr. 1991, 22 h. Duração 60 min. Entrevista com Rita Lee.

Título em inglês:

Abstract

Times New Roman, negrito, tamanho 12, espaço simples, alinhado à esquerda.

Keywords

Palavra 1. Palavra 2. Palavra 3.

Título em espanhol:

Resumen

Times New Roman, negrito, tamanho 12, espaço simples, alinhado à esquerda.

Palabras

clave

Palavra 1. Palavra 2. Palavra 3.

NORMAS DO BOLETIM DE CIÊNCIAS HUMANAS DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Todas as submissões devem ser enviadas por meio da plataforma de submissão online ScholarOne.

Os originais devem ser enviados

1. Em Word, com fonte Times New Roman, tamanho 12, entrelinha 1,5, em laudas sequencialmente numeradas. Os trabalhos de linguística indígena devem utilizar fonte compatível com o padrão Unicode, como Arial, Calibri, Cambria, Déjà Vu, Tahoma e outras que incluam todos os símbolos fonéticos da IPA. Times New Roman é preferível, mas inclui IPA em Unicode somente a partir das últimas edições de Windows. Nunca improvisar símbolos do IPA usando letras comuns com tachamento (imitando *ı*, *ı̇* etc.).
2. Da primeira página, devem constar: a. título (no idioma do texto e em inglês); b. resumo; c. abstract; d. palavras-chave e keywords.
3. Os originais não podem incluir o(s) nome(s) do(s) autor(es) e nem agradecimentos.
4. Deve-se destacar termos ou expressões por meio de aspas simples.
5. Apenas termos científicos latinizados e palavras em língua estrangeira devem constar em *itálico*.
6. Os artigos deverão seguir as recomendações da ABNT para uso e apresentação dos elementos bibliográficos: resumos, NBR 6028; citações em documentos, NBR 10520; referências, NBR 6023.
7. Tabelas devem ser digitadas em Word, sequencialmente numeradas, com legendas claras.
8. Todas as figuras (ilustrações, gráficos, imagens, diagramas etc) devem ser apresentadas em páginas separadas e numeradas, com as respectivas legendas, e submetidas na plataforma online em arquivos à parte. Devem ter resolução mínima de 300 dpi e tamanho mínimo de 1.500 pixels, em formato JPEG ou TIFF. Obedecendo, se possível, as proporções do formato de página do Boletim, nos limites de 16,5 cm de largura e 20 cm de altura (para uso em duas colunas) ou 8 cm de largura e 20 cm de altura (para uso em uma coluna). As informações de texto presentes nas figuras, caso possuam, devem estar em fonte Arial, com tamanho entre 7 e 10 pts.
9. Figuras feitas em programas vetoriais podem ser enviadas, preferencialmente, em formato aberto, na extensão .cdr (X5 ou inferior), .eps ou .ai (CS5 ou inferior).
10. O texto do artigo deve, obrigatoriamente, fazer referência a todas as tabelas, gráficos e ilustrações.
11. Seções e subseções no texto não podem ser numerados.
12. Somente numeração de páginas e notas de rodapé devem ser automáticas. Textos

contendo numeração automatizada de seções, parágrafos, figuras, exemplos, ou outros processos automatizados, como referenciação e compilação de lista de referências, não serão aceitos.

13. Observar cuidadosamente as regras de nomenclatura científica, assim como abreviaturas e convenções adotadas em disciplinas especializadas.

14. Notas de rodapé devem ser numeradas em algarismos arábicos e utilizadas apenas quando imprescindíveis, nunca como referências.

15. Referências a manuscritos, documentos de arquivo ou textos não publicados (relatórios, cartas etc.) devem ser feitas em notas de rodapé.

16. Citações e referências a autores no decorrer do texto devem subordinar-se à seguinte forma: sobrenome do autor (não em caixa alta), ano, página(s). Exemplos: (Goeldi, 1897, p. 10); Goeldi (1897, p. 10).

17. Todas as obras citadas ao longo do texto devem estar corretamente referenciadas ao final do artigo, e todas as referências no final do artigo devem ser citadas no texto.

18. Citações de obras como “apud” também devem estar corretamente referenciadas ao final do artigo. Os nomes de múltiplos autores ou organizadores citados como “et al.” devem todos aparecer nas referências no final do artigo. Estrutura básica dos trabalhos

1. Título – No idioma do texto e em inglês (quando este não for o idioma do texto). Deve ser escrito em caixa baixa, em negrito, centralizado na página.

2. Resumo e Abstract – Texto em um único parágrafo, verbo na voz ativa e terceira pessoa do singular, ressaltando os objetivos, método, resultados e conclusões do trabalho, com no mínimo 100 palavras e, no máximo, 200, no idioma do texto (Resumo) e em inglês (Abstract). A versão para o inglês deverá ser feita ou corrigida por um falante nativo (preferivelmente um colega da área), o que é de responsabilidade do(s) autor(es).

3. Palavras-chave e Keywords – Três a seis palavras que identifiquem os temas do trabalho, para fins de indexação em bases de dados.

4. Texto – Deve ser composto de seções NÃO numeradas e, sempre que possível, com introdução, marco teórico, desenvolvimento, conclusão e referências. Evitar parágrafos e frases muito longos. Optar pela voz passiva, evitando o uso da primeira pessoa do singular e do plural ao longo do texto. Siglas devem inicialmente ser escritas por extenso. Exemplo: “A Universidade Federal do Pará (UFPA) prepara novo vestibular”.

Citações de até três linhas devem estar dentro do parágrafo e entre aspas duplas (“); citações com mais de três linhas devem ser destacadas do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com fonte menor e, conforme o exemplo a seguir:

Com efeito, a habitação em cidades é essencialmente antinatural, associa-se a manifestações do espírito e da vontade, na medida em que se opõem à natureza. Para muitas nações conquistadoras, a construção de cidades foi o mais decisivo instrumento de dominação

que conheceram. Max Weber mostra admiravelmente como a fundação de cidades representou para o Oriente Próximo e particularmente para o mundo helenístico e para a Roma imperial, o meio específico de criação de órgãos locais de poder, acrescentando que o mesmo fenômeno se encontra na China, onde ainda durante o século passado, a subjugação das tribos Miaotse pode ser identificada à urbanização das suas terras (Buarque de Holanda, 1978, p. 61).

5. Agradecimentos – Devem ser sucintos: créditos de financiamento; vinculação a programas de pós-graduação e/ou projetos de pesquisa; agradecimentos pessoais e institucionais. Nomes de pessoas e instituições devem ser escritos por extenso, explicando o motivo do agradecimento. Note que a primeira versão submetida é para avaliação anônima e deve estar sem agradecimentos.

6. Referências – Devem ser listadas ao final do trabalho, em ordem alfabética, de acordo com o sobrenome do primeiro autor. No caso de mais de uma referência de um mesmo autor, usar ordem cronológica, do trabalho mais recente ao mais antigo. Todas as referências devem seguir as recomendações da NBR 6023 da ABNT. Deve-se evitar o uso indevido de letras maiúsculas nos títulos de artigos ou de livros. Somente nomes próprios, substantivos alemães e as palavras de conteúdo de títulos de revistas e de séries devem começar por uma letra maiúscula. Obs: A utilização correta das normas da ABNT referentes à elaboração de referências (NBR 6023/2002) e o uso adequado das novas regras de ortografia da Língua Portuguesa nos artigos e demais documentos encaminhados à revista são de responsabilidade dos autores. A seguinte lista mostra vários exemplos de referências nas suas categorias diferentes:

- 1.Livro: VERÍSSIMO, José. A educação nacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1906.
- 2.Livro: WIECZOREK, Alfred; ROSENDAHL, Wilfried; SCHLOTHAUER, Andreas (Org.). Der Kult um Kopf und Schädel. Heidelberg: Verlag Regionalkultur, 2012. Série/Coleção: GOELDI, Emílio. Escavações arqueológicas em 1895: executadas pelo Museu Paraense no Litoral da Guiana Brasileira entre Oiapoque e Amazonas. Belém: Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, 1900. (Memórias do Museu Goeldi, n. 1).
- 3.Capítulo de livro: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Política indigenista no século XIX. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org.). História dos índios no Brasil. S. Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 133-154.
- 4.Capítulo de livro e Série/Coleção: VUILLERMET, Marine. Two types of incorporation in Esse Eja (Takanan). In: DANIELSEN, Swintha; HANNSS, Katja; ZÚÑIGA, Fernando

- (Org.). Word formation in South American languages. Amsterdam: John Benjamins, 2014. p. 113-142. (Studies in Language Companion Series, n. 163).
5. Artigo de periódico: GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. Política e Administração, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15-21, set. 1997.
6. Artigo de periódico: TERSIS, Nicole; CARTER-THOMAS, Shirley. Investigating syntax and pragmatics: word order and transitivity in Tunumiisut. International Journal of American Linguistics, Chicago, v. 71, n. 4, p. 473-500, out. 2005.
7. Artigo de periódico em meio eletrônico: VELTHEM, L. H. V. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan./abr. 2012. Disponível em: . Acesso em: 06 mar. 2015.
8. Artigo e/ou matéria de jornal: NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. Folha de S. Paulo, S. Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p. 13.
9. Artigo e/ou matéria de jornal em meio eletrônico: SILVA, Ives Gandra da. Pena de morte para o nascituro. O Estado de S. Paulo, S. Paulo, 19 set. 1998. Disponível em: . Acesso em: 19 set. 1998.
10. Trabalho apresentado em evento: BRAYNER, A. R. A.; MEDEIROS, C. B. Incorporação do tempo em SGBD orientado a objetos. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE BANCO DE DADOS, 9., 1994, S. Paulo. Anais... S. Paulo: USP, 1994. p. 16-29.
11. Trabalho apresentado em evento em meio eletrônico: SILVA, R. N.; OLIVEIRA, O. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPe, 4., 1996, Recife.
12. Anais eletrônicos... Recife: UFPe, 1996. Disponível em: . Acesso em: 21 jan. 1997.
13. Documento eletrônico: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. 2011. Disponível em: . Acesso em: 23 jan. 2012.
14. Documento jurídico: S. PAULO (Estado). Decreto nº 42.822, de 20 de janeiro de 1998. Lex: coletânea de legislação e jurisprudência, S. Paulo, v. 62, n. 3, p. 217-220, 1998.
15. Documento jurídico: BRASIL. Congresso. Senado. Resolução nº 17, de 1991. Coleção de Leis da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v. 183, p. 1156-1157, maio/jun. 1991.
16. Documento jurídico: BRASIL. Medida Provisória nº 1.569-9, de 11 de dezembro de 1997. Estabelece multa em operações de importação, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 dez. 1997. Seção 1, p. 29514.
17. Trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e monografias): MORGADO, M. L. C. Reimplante dentário. 1990. 51 f.
18. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Odontologia), Universidade Camilo Castelo Branco, S. Paulo, 1990. Trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e monografias): ARAUJO, U. A. M. Máscaras inteiriças Tukúna: possibilidades de estudo de artefatos de museu para o conhecimento do universo indígena. 1985. 102 f.

19. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Fundação Escola de Sociologia e Política de S. Paulo, S. Paulo, 1986. Trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e monografias): BENCHIMOL, Alegria. Resgate e ressignificação da pesquisa no Museu Paraense Emílio Goeldi: presença e permanência de cientistas estrangeiros (1894-1914) na produção científica de autores atuais (1991-2010). 2015.
20. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e monografias): MOORE, Denny. Syntax of the language of the Gavião Indians of Rondônia (Brazil). 1984. 299 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – University of New York, Nova York, 1984.





Universidade do Estado do Pará

Centro de Ciências Naturais e Tecnologia

Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – Mestrado

Tv. Enéas Pinheiro, 2626, Marco, Belém-PA, CEP: 66095-100